

**Valentes**

# uma força à sua espera

vic logan



Rafael  
Gairola

***UMA FÔRÇA  
À SUA ESPERA***

**VIC LOGAN**

*O gerente do banco é assassinado. Encontrado no local do crime, Pat Morrisson é o principal suspeito. Ele tinha dívidas a saldar, e discutira com o morto, mais cedo, no mesmo dia. Julgado, Pat é condenado à forca. Porém, sua noiva Mona e o ajudante Cyril vão sair à caça do verdadeiro assassino para libertar. E isso coloca a vida dos dois na mira de pistoleiros...*

## CAPÍTULO 1

A noite estava calma e silenciosa, mas as nuvens pesadas prenunciavam tempestade. Os únicos sinais de vida no povoado adormecido, eram algumas janelas iluminadas e a luz vinda do interior do saloon.

A rua estava deserta e em meio àquela solidão, um velho vendedor ambulante preparava-se para partir em sua carroça, pintada com cores berrantes. Quando o velho estalou o chicote sobre os cavalos, dois tiros romperam o silêncio da noite. A rua começou a encher-se subitamente e alguém gritou:

— Foi no Banco! Foi no Banco!

Naquele momento um homem saía apressadamente da casa bancária. A multidão, precedida pelo xerife, chegava à porta do estabelecimento.

— E' Pat Morrison - disse alguém, referindo-se ao homem que acabava de sair do Banco e parara em frente à carroça do velho.

Pat fitou todos ali com expressão desorientada.

— Que aconteceu, Pat? - perguntou o xerife.

— Não sei... Atiraram contra o Senhor Lemont. Lemont era o dono do Banco da localidade.

— Quem atirou contra o Senhor Lemont?- - perguntou o representante da lei.

— Não sei... Encontrei este revólver no chão. - Vejamos - disse o xerife, apanhando a arma.

O cano ainda estava quente e no tambor faltavam duas balas.

— Você não sabe mais nada sobre o que aconteceu, Pat? - perguntou o xerife.

— Não... - retrucou o rapaz, hesitante.

Estava nervoso e confuso. Alguém notou que a porta dos fundos, que comunicava com os aposentos particulares do banqueiro, estava aberta.

— Venha, xerife - exclamou alguém. - Mataram o Senhor Lemont!

— Siga-me, Pat - ordenou o representante da lei, fitando o aturdido rapaz, que continuava segurando o revólver.

O banqueiro fora assassinado com dois tiros no peito.

— Olhem! - gritou alguém. - Tentaram queimar alguns documentos.

O xerife agarrou um dos papéis chamuscados e leu-o. Logo voltou-se para Pat.

— Conhece isto, rapaz?

Pat agarrou o papel que o xerife l'he estendia. Ao fim da folha havia uma assinatura; a do próprio Pat Morrison.

— E' um documento de crédito a seu favor. De acordo com a data, estava quase por vencer.

— Não compreendo nada, xerife. Não sei quem fêz tudo isto... Mas não vá pensar que eu...

— Dê-me o revólver, Pat - disse o xerife, fitando-o significativamente.

— Eu não matei o Senhor Lemont, xerife. Pode estar certo.

— Está numa situação difícil, rapaz. Esta tarde o viram discutindo com êle.

Houve um murmúrio de assentimento. Todos sabiam que ultimamente as coisas não iam muito bem para Pat Morrison. E como numa cidade pequena não há segredos, ninguém ignorava que Pat solicitara

um prazo maior para o pagamento de sua dívida, o que fora recusado pelo banqueiro.

Encontrado em situação tão incriminadora no local do crime, Pat Morrison foi detido pelo xerife e conduzido à delegacia. Esses acontecimentos retardaram um pouco a partida da carroça. Quando o xerife e Pat encaminhavam-se para a delegacia a janela de um sótão ao lado do banco abriu-se e uma mulher olhou para a rua. Era jovem e bela, muito pintada e com um decote ousado.

## CAPÍTULO 2

Duas semanas mais tarde, realizou-se o julgamento de Pat Morrison. O juiz foi Aaron Harper, vindo de Tucson especialmente para aquele caso. Às acusações de alguns empregados do Banco, que haviam ouvido a discussão de Pat com o Senhor Lemont, uniu-se a de Mafk Paxton, o mais rico fazendeiro da região, um dos primeiros a ver Pat sair do Banco, momentos após o crime.

— Êle estava muito nervoso e tentou fugir, mas a carroça de um vendedor ambulante, parada em frente ao Banco, impediu-o.

— Isso não é verdade! - protestou Pat. - Se eu quisesse fugir, não escolheria a rua principal, sairia por trás...

— Isso não lhe serviria de nada - replicou Paxton - porque eu o vi entrar. Não fiz nada porque naquele momento não suspeitava que você fosse matar meu amigo, o Senhor Lemont.

Ninguém defendia o acusado, só o juiz se mostrava imparcial.

— Eu não matei o Senhor Lemont! - exclamou Pat.

— Exijo silêncio na sala! - ordenou o juiz. - Vejamos. Diga ao júri os motivos que o levaram à casa do banqueiro àquela hora da noite.

A pergunta era dirigida a Pat, que hesitou um pouco antes de responder.

— Está bem claro, senhor juiz - disse Hale, o mais velho e fiel dos empregados do morto. - Pat queria matá-lo porque o Senhor Lemont negou-se a prorrogar o prazo para pagamento da dívida.

— Cale-se, Senhor Hale e só fale quando lhe fizerem alguma pergunta. Não quero que isto torne a se repetir. Pode falar agora, Pat Morrison e procure dar uma resposta convincente.

O rapaz hesitou:

— Sei que pode parecer estranho... Eu... Realmente não tinha nenhum motivo...

— Mas horas antes ouviram-no ameaçar o Senhor Lemont.

— Sim. Não o nego. Perdi o controle e quando se perde a calma se diz coisas sem pensar...

— Entretanto voltou à sua casa mais tarde.

— Sim. Eu sabia que o senhor Lemont não prorrogasse o prazo eu perderia o meu rancho e com a discussão as coisas haviam piorado...

Após uma pausa o juiz convidou-o a prosseguir:

— Continue.

— Eu... ia pedir desculpas ao Senhor Lemont. Pensei que talvez... Não sei, creio que foi uma tolice e que não devia ter ido, mas fui. Queria ficar bem com êle.

Um murmúrio de incredulidade soou na sala. Ninguém dava mostras de aceitar aquela desculpa. O juiz ordenou silêncio.

— Isto é uma farsa! - gritou alguém.

— Da próxima vez mandarei desocupar a sala e prosseguiremos o julgamento com as portas fechadas - disse o juiz. E dirigindo-se novamente ao acusado, pediu: - Continue.

— Dirigi-me à casa do Senhor Lemont pela entrada do lado. Estava aberta. Empurrei a porta e ela cedeu.

— E quem estava na casa além do Senhor Lemont? - perguntou o juiz.

— Não sei. Mal entrei soaram os tiros. Fiquei alguns segundos desorientado, depois alguém atirou-me um revólver aos pés.

— Onde estava você?

— Primeiro na sala que comunica com o escritório particular do Senhor Lemont. Ao ouvir os tiros, entrei.

— E foi então que lhe jogaram o revólver?

— Sim, senhor.

— Quem atirou a arma?

— Não sei, senhor. Estava escuro, mas sem dúvida havia alguém na sala.

— Você não acendeu nenhum fósforo?

— Não... Não. Só apanhei o revólver. Ouvi ruído na rua e saí para explicar o que acontecera.

— E não tentou procurar antes a pessoa que estivera com o Senhor Lemont?

— Não... Eu estava desorientado. Tinha medo. Desde o primeiro momento vi que poriam a culpa em mim.

— Você tinha bebido aquela noite?  
- perguntou o juiz.

Após breve vacilação, Pat assentiu. Aí alguém insinuou.

— Por que não pergunta a Mona Sheridan? E' com ela que êle gasta o dinheiro que lhe falta para manter o rancho.

— Isso não é verdade! Não a envolvam nisto - protestou Pat.

O juiz suspendeu a sessão. Mona Sheridan era a jovem que chegara à janela na noite do crime. Agora, sentada no tosco banco das testemunhas, parecia mais bela, mas seu rosto estava pálido como cera.

Era muito jovem, não completara ainda vinte anos. Seus grandes olhos

refletiam uma profunda angústia e muito medo. Sua aparência correspondia às exigências de sua profissão, era em seu olhar a diferenciava das companheiras de profissão, e sua palidez denotava ansiedade.

— Sim. Pat me visitava com freqüência - admitiu ao ser interrogada. - Mas não é verdade que gastava o seu dinheiro comigo... Pat é muito bom. E' o único homem que me compreendeu.

Um murmúrio de risos irônicos seguiu-se às últimas palavras da jovem.

— Aquela noite êle esteve bebendo com a senhorita?

— Sim. E disse-me que desejava ver novamente o Senhor Lemont,

— Como se comportava Pat Morrison quando bebia? O álcool

modificava o seu modo de ser?  
Tornava-se agressivo?

A jovem hesitou:

— Comigo êle era sempre muito carinhoso.

— Isso não responde à minha pergunta, Senhorita Sheridan.

— Bem, senhor juiz, de uma coisa eu tenho certeza: Pat não seria capaz de matar a sangue-frio.

Houve protestos e soaram palavras meio ofensivas contra Mona. O juiz foi obrigado a suspender a sessão.

### CAPÍTULO 3

Os esforços posteriores de Mona para salvar Pat foram inúteis. Quando afirmou que êle se empenhava em tirá-la do cabaré e que a pedira em casamento só piorou as coisas, pois isso parecia justificar seu interesse em salvá-lo. Além disso, suas declarações chocaram-se com as de Hale, que afirmou:

— Todos sabem que Pat Morrison fica intratável, quando bebe. Uma vez quase destruiu o cabaré numa briga e teve de pagar os prejuízos.

O dono do saloon confirmou:

— E' verdade, excelência. Pat Morrison sempre foi um desordeiro.

Depois chegou a vez de Mônica, a encarregada das coristas, testemunhar:

— Êle costumava vir ao cabaré duas vezes por semana e se não

pagasse não poderia ficar com Mona. Negócio é negócio.

O juiz interrogou novamente Mona:

— A senhorita não disse que êle não lhe dava um centavo?

— E' verdade, para que Mônica não soubesse eu lhe entregava minha comissão.

Um nôvo murmúrio percorreu a sala. Se Pat pretendia casar com a garota não podia perder o rancho e o perderia se o Senhor Lemont não prorrogasse o prazo... Ninguém acreditava que êle fora à casa do banqueiro unicamente para desculpar-se. Nem o juiz acreditou.

— De acordo com as provas, este tribunal considera Pat Morrison culpado de assassinato na pessoa do banqueiro Charles Lemont e em consequência condena-o a morrer enforcado, de acordo com as leis do

estado. A sentença se cumprirá ao amanhecer do terceiro dia após o julgamento.

Era muito natural que não deixassem Ciryll Masson freqüentar o cabaré. Ciryll era muito precoce, mas tinha apenas quatorze anos.

— Preciso falar com a Senhorita Mona Sheridan - insistiu Ciryll.

O dono do saloon deu de ombros e apontou para Mônica, que na sala ao lado ensaiava velhas canções, acompanhada por um velho pianista.

— Se ela lhe der autorização, para mim dá no mesmo... - disse.

— Está começando muito cedo, rapaz - disse um vaqueiro, rindo.

Hale, o empregado do Banco, que jogava pôquer com Mark Paxton e outros fazendeiros, fitou Ciryll.

— Este não era o ajudante de Pat?  
- perguntou.

Paxton olhou para o rapaz.

— Sim. Creio que sim.

— Que desejará com a moça?

— Estão fazendo desesperados esforços para livrar Pat da força - disse um dos jogadores.

Eram as primeiras horas da tarde e habitualmente o cabaré estava vazio àquela hora, mas o julgamento terminara pouco antes e muitos haviam se reunido ali para os comentários. Nunca se registrara um caso como aquele na cidade e aquilo era um verdadeiro acontecimento.

Por outro lado, com o Banco fechado, Hale não tinha nada a fazer e reunira-se aos amigos para jogar.

— Pat é um assassino e ninguém poderá livrá-lo - disse Paxton,

depositando sua aposta no centro da mesa. - Entro com cinco.

— Sim - disse Mônica. - Pode vê-la. Fale o quanto quiser com ela, porque esta noite já não estará entre nós. Garotas como Mona desprestigiam o negócio.

Ciryl subiu com decisão a escada que conduzia aos quartos das coristas. Bateu várias vezes e ao ver que ninguém atendia, abriu a porta. Mona estava de bruços na cama e chorava em silêncio, sem preocupar-se com mais nada. Ciryl tossiu duas vezes para chamar-lhe a atenção. Depois fechou a porta e aproximou-se:

— Senhorita... Eu sei que Pat é inocente.

Ela fitou-o com os seus grandes olhos cheios de lágrimas.

— Não podemos fazer nada, Ciryl. Ele foi condenado.

— Mas eu sei que é inocente...  
Tenho certeza.

— Sei que gostava muito de Pat,  
Ciryll... Êle sempre falava em você.

— Também me falava na  
senhorita... Disse-me que queria se  
casar e eu... Bem, a princípio a idéia  
não me agradou.

— Não?

— Eu sempre digo a verdade,  
senhorita. Preferiria que Pat escolhesse  
outra moça. Sabia que seria criticado  
se casasse com a senhorita, mas...  
Bem, ninguém tem o direito de meter-  
se na vida dos outros. Êle a amava e  
esperava ser muito feliz com a  
senhorita.

— Obrigada por sua sinceridade,  
Ciryll. Eu faria o possível para não  
desiludi-lo... Você é muito jovem e  
ignora muitas coisas. Talvez visse em  
mim unicamente uma pobre mulher

sem rumo. Bem, eu não tentarei justificar-me, talvez um dia você compreenda...

— Não precisa explicar-me nada, Senhorita Mona. Êle confiava na senhorita e, para mim, isso basta. Não podemos deixar que o enforquem.

— Não, Cirył. Não podemos, mas... Que fazer? Falei com o juiz e se não conseguirmos nenhuma prova nova, nada feito.

— Eu também falei com o juiz - disse o rapaz.

— Você?

— Sim, senhorita Mona. Contei-lhe o que vi aquela noite.

— Você viu alguma coisa, Cirył? - perguntou a jovem, interessada.

— Um homem saiu da casa do banqueiro. Eu o vi... Não posso saber quem era, mas vi. Tem que ser o assassino!

## CAPÍTULO 4

Ciryl e Mona conseguiram que o juiz os recebesse de novo, pouco antes de seu regresso a Tucson.

— Compreendo que é duro para vocês - disse o juiz -, estimavam muito Pat Morrison e gostaria de ajudá-los, mas não será possível. Êle foi julgado imparcialmente e não pensem que fico satisfeito quando sou obrigado a ditar uma sentença de morte.

— Mas o senhor falou de novas provas - Insistiu a jovem. - E Ciryl viu alguém sair da casa do banqueiro.

— Eu sei, mas sua palavra vale pouco. Não esqueçam que é amigo de Pat, protegido seu. E' muito natural que deseje salvá-lo. Mesmo supondo que tivesse visto alguém, nenhum jurado acreditaria. Até eu duvido.

— Que provas precisa então, senhor juiz? - perguntou o rapaz.

— Se além de você outra pessoa tivesse visto essa pessoa sair da casa do Senhor Lemant, então as coisas mudariam.

— O senhor quer dizer outra testemunha? - perguntou a jovem.

— Sim.

— Mas ninguém mais viu, não é? - perguntou a jovem, olhando para Cirył.

— Creio que não...

O juiz despediu-os, mas nenhum deles percebeu que alguém ouvira toda a conversa através da janela. Esta pessoa afastou-se quando os dois saíram. Cirył seguia abatido ao lado da moça.

— Você devia ter dito isso durante o julgamento — disse ela.

— De qualquer forma, não adiantaria nada - replicou o rapaz. -

Você não ouviu o que o juiz disse? Mesmo assim, eu declararia, mas não tinha muita certeza.

— Não tinha muita certeza? - perguntou a jovem, surpresa.

— Não. Na verdade eu tinha medo que Pat cometesse alguma tolice. Saiu de casa furioso. Jurou que conseguiria aquele adiamento de qualquer forma. Eu fiquei com medo, por isso decidi segui-lo.

Fêz uma pausa. A jovem incitou-o com o olhar para que continuasse e Ciryl continuou:

— Procurei-o primeiro no cabaré. Não a vi e tranqüilizei-me pensando que podiam estar juntos... Mas então ouvi os tiros.

— Êle saiu pouco antes. Eu cheguei à janela depois de ouvir os tiros. Onde você estava?

— Andava sem rumo. Deixara o cavalo em frente ao cabaré e saíra caminhando. Quando soarem os tiros corri e vi Pat sair, com o revólver na mão. Assustei-me. Naquele momento, tive quase certeza de que êle matara o Senhor Lemont. Não tive coragem de ir ao seu encontro. Logo apareceram os curiosos e invadiram a casa. Não sei quanto tempo permaneci na escuridão. Depois decidi ir até a delegacia e ver o que estava acontecendo. Foi então que vi um homem sair da casa ao lado do Banco.

— Então êle não saiu da casa do banqueiro?

— Não. Por isso não suspeitei nada naquele momento. Na realidade nem dei muita importância ao fato.

— Por que acha agora que esse homem poderia ser o assassino?

— Porque Pat não mente. Se tivesse matado o Senhor Lemont admitiria sua culpa. Eu assisti ao julgamento e ouvi-o repetir sua inocência. Não sei como me ocorreu pensar naquele homem e durante a última sessão dirigi-me exatamente ao lugar de onde o vira sair.

— Que viu lá? - perguntou a jovem, com incontida curiosidade.

— E' um armazém vazio. Ali não há nada. Percorri-o todo. Tem três compartimentos e uma espécie de pátio. Ali encontrei umas escadas que comunicam com a casa vizinha. Essa casa é a do banqueiro. A porta estava fechada, mas eu entrei por uma janela com as vidraças quebradas.

— Tem certeza de que é mesmo a casa de Lemont?

— Não é a casa em si. Creio que a utiliza como um depósito. Ali há muitos

documentos amontoados. Sua casa fica em baixo.

— Então...

— Comecei a pensar... Que poderia estar aquele homem fazendo num armazém abandonado? Então pensei que poderia ser o verdadeiro culpado, que utilizara aquele caminho para que ninguém o visse. Quando corri a declarar ao juiz a minha suspeita, o julgamento já fora encerrado, e Pat declarado culpado.

— Meu Deus! - exclamou a moça. - E' uma possibilidade tão remota...

— E', a senhorita tem razão.

— Eu não vi nada. E estava na janela.

— Não poderia ver - disse Ciryl - porque tudo isto aconteceu do outro lado.

— Onde estava aquela carroça do vendedor ambulante?

— Sim... - respondeu o rapaz, exclamando logo a seguir: - A carroça! O velho que a conduzia deve ter visto o homem...

— Como?

— Sim, Senhorita Sheridan. Êle estava parado na esquina e eu me lembro que só foi embora depois que levaram Pat. Deve ter visto tudo!

— Ciry! - exclamou a moça com os olhos brilhantes. - Temos de encontrá-lo!

## CAPÍTULO 5

Bill Kerrigan divertia-se a valer. Era um desses sujeitos que ninguém sabe de onde tiram o dinheiro que gastam. Era um forasteiro, mas estava há alguns dias no povoado. Viera em companhia de Ldu Starkie e ambos haviam se oferecido como vaqueiros no Rancho Ryder, mas o trabalho durou pouco. Ryder despediu-os por serem vadios e ali 'havam ficado, dormindo de dia e divertindo-se à noite.

Kerrigan estava em companhia de uma estonteante loura num dos quartos do saloon, quando bateram à porta. Mandando a garota esperar, foi atender de má vontade.

— Que quer você agora? - perguntou ao ver a impassível figura de Lou.

— Temos trabalho - foi a seca resposta do recém-chegado.

— A estas horas? Não chateie!

— Prepare-se. Sairemos imediatamente - disse o outro.

— Está falando sério?

— Se está meio alto, tome um litro de café. Eu o esperarei lá em baixo. Não demore.

Kerrigan compreendeu que seu amigo falava sério. Não seria capaz de uma brincadeira. Lou nunca ria. Nunca experimentava a menor emoção. Kerrigan o vira matar a sangue-frio, sem demonstrar a menor perturbação.

— Sinto muito, beleza. Continuaremos outro dia.

Deixou algum dinheiro sobre a mesa e saiu do quarto. Tomou uma boa dose de café e saiu à rua, onde Lou o esperava.

— Posso saber aonde vamos?

— Eu lhe contarei quando estivermos fora.

Cavalgaram sem pressa, para não despertar a atenção dos poucos transeuntes. Ao chegar ao fim da rua que atravessava o povoado de lado a lado, Lou explicou:

— O chefe encomendou-nos um serviço.

— Vamos liquidar alguém?

Lou concordou.

— Quem?

— Aquela moça que trabalha no saloon. A noiva de Pat Morrison e o garoto que a acompanha.

— Um garoto? - perguntou Kerrigan.

— Sim, seu nome é Ciryll. Já o vimos algumas vezes. E' amigo de Morrison.

— Matar uma mulher e um menino! - exclamou Kerrigan, com ar de repulsa.

— Que há de mais nisso? Está ficando supersticioso? O rapaz já tem quatorze anos. Eu nessa idade já tinha matado dois...

— Sim, imagino... Mas o trabalho não me agrada. Prefiro enfrentar cara a cara alguém que esteja em condições de se defender.

— Quinhentos para cada um pelo trabalho. Ainda sente escrúpulos? - perguntou Lou, com sua voz metálica.

— Não sei... - replicou Kerrigan.

— Não está aborrecido comigo, não é?

— Não, Lou. E' só esse trabalho que não está me agradando...

— Êle nos paga e temos de obedecer. Nunca desobedeci meus patrões.

— E o que quer o senhor...

Não pôde dizer o nome, pois Lou o impediu, interrompendo-o:

— Nada de citar nomes! Às vezes as pedras têm ouvidos. Êle não quer que saibam.

— Está bem... Que deseja esse sujeito? Que mal uma moça e um menino podem fazer?

— Sabem demais.

Os dois esporearam os cavalos e desapareceram pelo escuro caminho momentos antes seguido por Ciryl e Mona.

Era evidente que o duplo assassinato devia ser cometido longe do povoado, para não levantar suspeitas. Por outro lado, ninguém sentiria a falta de Mona, pois todos sabiam que fora despedida. Talvez estranhassem a ausência de Ciryl, mas morto Pat e sem rancho para trabalhar, suporiam que

havia partido. Uma vez mortos os dois, bastaria enterrar seus cadáveres e nunca ninguém os encontraria.

Ciryl e Mona não podiam imaginar que tinham as horas contadas. Cavalgavam a bom ritmo, seguindo as pegadas da carroça, que saíra há quase duas semanas da cidade.

— E' muito tempo - murmurou o rapaz, fazendo alto para comprovar as marcas. - Os rastros já estão quase apagados.

— Mas os primeiros eram da carroça, não é?

— Sim - concordou Ciryl. - Conservaram-se graças à chuva que caiu naqueles dias. O sol secou a lama e por isso continuam impressas, mas neste lugar não deve ter chovido e além disso o terreno é pedregoso.

Efetivamente, ali não havia o menor sinal de rodas.

— Seguiremos o mesmo caminho - disse o rapaz.

— Talvez o velho continue na região.

— Precisamos andar depressa. Só nos restam três noites.

— Eu sei, Senhorita Sheridan e acho que não devia ter-me acompanhado.

— Cavalgarei até não poder mais, Ciryll. Quero estar com você para convencer esse homem a voltar, se conseguirmos encontrá-lo.

— Costumam passar vários dias no mesmo povoado... Vejamos, a próxima localidade é Cleaftown. Fica a umas três horas. Mais para diante, junto ao desfiladeiro, há outro povoado chamado Calvert Springs, talvez tenhamos sorte...

Esporearam os cavalos e seguiram, guiados pela claridade da lua, o

caminho que conduzia ao primeiro dos povoados citados por Ciryll. Kerrigan e Lou seguiam-nos. Do alto de uma colina conseguiram divisá-los.

— Vão em direção ao barraco - disse Lou. - Será um bom lugar para liquidá-los.

## CAPITULO 6

Quando Ciryl compreendeu que aqueles dois homens os seguiam agarrou o rifle.

— Salte e esconda-se entre as rochas. Eu o protegerei.

— Você não sabe atirar com, um rifle - murmurou Mona.

Ciryl tentava dominar o medo. Nunca enfrentara ninguém, mas compreendia que aqueles dois homens os estavam seguindo e se alguma dúvida lhe restava, os disparos que efetuaram lhe deram razão.

— Alguém os mandou contra nós. Alguém que deve saber de nossas intenções.

— Então ouviram nossa conversa...

— Sim.

— Mas, quem será?

— Gostaria de saber.

Protegeram-se por trás das rochas. O barraco, muito profundo, ficava perto. Ciryll esperou que os homens estivessem mais perto para atirar. Sua má pontaria demonstrou a falta de prática.

Lou e Kerigan desmontaram habilmente e, escondidos entre as rochas, procuraram cercá-los. Ambos empunhavam os revólveres.

— Vá pela direita - ordeno a Lou. - Eu irei pelo outro lado. Assim os apanharemos entre dois fogos.

— Isso continua não me agradando, Lou...

— Quando receber o dinheiro mudará de opinião.

— Desde já renuncio a esse dinheiro. Não é o trabalho que eu esperava.

— Pensava que nos dariam o dinheiro de presente?

— Pensei simplesmente que precisavam de guarda-costas. E' um trabalho como qualquer outro, mas isso agora é diferente. Trata-se de dois assassinatos.

— Enganei-me com você, Bill. Você é muito mole.

Lou fitou-o com ar de censura.

— Não sou mole, mas não sou um assassino. Nunca atirei contra pessoas indefesas. Sempre combati em duelos legais e com sujeitos que não valiam nada. Não quero me transformar num deles.

— Terá de continuar agora, amigo. Já começou — lembrou Lou, com ar ameaçador.

Kerrigan levantou-se. Era um homem de fisico bem proporcionado, muito alto. Seu aspecto diferia muito do de seu companheiro. Seu olhar

denotava franqueza e não se deixava amedrontar com ameaças.

— Quero que fique bem claro - disse, acentuando bem as palavras - que eu não sabia do que se tratava. Não sou um assassino.

— Discutiremos isso depois. Agora você terá de continuar ou...

Lou tinha o revólver na mão, Bill Kerrigan também. Os dois fitaram-se por instantes, com ar desafiante.

Entretanto nenhum dos dois podia dar o primeiro passo, que poderia ser fatal para ambos, pois eram ótimos atiradores.

Os dois eram famosos como pistoleiros, mas Lou Starkie tinha fama de ser o melhor. Apesar disso, Bill Kerrigan estava disposto a enfrentá-lo.

Aquela ligeira hesitação entre os dois homens foi interrompida por um tiro desfechado por Ciry. O rapazinho

não tinha muito boa pontaria, mas naquele momento quase acertou o alvo, pois a bala passou roçando pela cabeça de Bill Kerrigan.

Bill saltou para um lado e instintivamente atirou na direção de onde partira o tiro. Foi um momento rápido de quem estava acostumado a lutar e defender-se, enfrentando todos os perigos.

Mal protegido, Ciryil foi atingido em cheio pelo projétil e caiu para trás com um grito.

Lou sorriu e voltou-se para o companheiro, dizendo friamente:

— Bom tiro. Você o acertou, Bill.

E sem esperar resposta, saltou para a frente, correndo em perseguição da moça, que se inclinara para atender ao menino.

Ao ver que seu amiguinho estava gravemente ferido. Mona esquecera o

perigo, só pensando em ajudá-lo. Mas agora, percebendo a proximidade de seu perseguidor, abafou um grito e saiu correndo.

Lou a perseguiu de muito perto. A noite estava escura e ela sentia-se desorientada.

Sem perceber o perigo, corria paralelamente ao barranco, aproximando-se muito dele. Atrás de si ouvia a respiração ofegante de Lou, cada vez mais próximo.

Em seu desespero de fugir, tentou fazer um esforço para ganhar terreno, mas seus pés tropeçaram em algo. Estava na beira do precipício...

Tentou agarrar-se, mas suas mãos encontraram o vazio. Lançou um grito angustiado e prolongado... Depois seu corpo perdeu-se na escuridão.

Dou então voltou-se para Bill, murmurando:

— Assunto resolvido.

— Você acha que tudo vai ficar assim? Lou fitou-o desafiante:

— Você atirou no garoto, Bill. Já é um assassino. Melhor assim.

Sem dizer nada, Bill voltou ao lugar onde Ciryl caíra. Guardou o revólver no coldre e inclinou-se para o rapaz, comprovando pelas batidas de seu coração que êle ainda estava vivo. Ciryl respirava dèbilmente e se não fosse atendido a tempo morreria.

Tentou levantá-lo, para levá-lo até o cavalo, mas naquele momento ouviu o inconfundível estalo do revólver de Lou Starkie, ao ser engatilhado. Lou ia dar o tiro de misericórdia no garoto.

Bill não podia permitir aquilo, não era um assassino e queria salvar o rapaz. Por isso, reagiu com rapidez, frustrando a tentativa de seu companheiro. Não hesitou em ariscar-se

para salvar a vida do rapazinho. Antes que Lou tivesse tempo de apartar o gatilho, tomou impulso e lançou-se para êle, agarrando-o pelas pernas. Ante o ataque imprevisto, Lou caiu para trás e seu revólver disparou inofensivamente para cima.

Imediatamente os dois homens iniciaram uma luta de vida ou morte. Lou, com a arma na mão, levava grande vantagem. Mas com incrível agilidade, Bill lançou-se novamente contra êle e apertou-lhe o pulso, para evitar novo tiro. Se Lou mostrava-se rápido com o Colt, Kerrigan era dotado de força extraordinária. Torceu de tal forma a mão direita de seu antagonista que este soltou a arma com um gemido.

Fazendo uso da mesma força, Kerrigan conseguiu levantá-lo e soltou-o um instante, para bater-lhe no

estômago. Lou recebeu o impacto e inclinou-se para a frente, do que Kerrigan se aproveitou para enviar-lhe um gancho de esquerda, que o lançou para trás.

Lou ainda tentou levantar-se, mas Bill não o deixou e com um contundente direto obrigou-o a morder o pó. Lou Starkie ficou caído ao solo, sem sentidos.

Bill sacudiu suas roupas, manchadas de pó, apanhou o chapéu, que perdera durante a luta e regressou para junto de Ciryil. Colocou-o sobre o cavalo e depois dirigiu-se para o barranco. Não pôde ver a jovem porque estava muito escuro. Também não podia perder tempo tentando descer. A vida de Ciryil dependia a rapidez com que fosse extraída a bala alojada em seu corpo jovem.

## CAPITULO 7

O Doutor Clyde Osborne examinou o ferido sem fazer nenhuma pergunta.

— Acha que poderá salvá-lo? - perguntou Bill.

— Tentarei. E' a minha obrigação.

Saiu um momento do consultório e chamou:

— Virgínia, venha cá um momento!

Uma bela mulher, jovem e bem vestida, aproximou-se.

— Chamou, tio Clyde?

— Tenho que fazer uma operação. Você poderia ajudar-me? E' muito delicado...

— Com prazer, titio. De que se trata?

Ao fazer a pergunta, olhou para Bill, que a observava com admiração.

— Esse homem o trouxe. Tem uma bala no peito, muito perto do coração.

— Sim. Foi... um acidente - murmurou Bill.

— Essa espécie de acidentes desaparecerá no dia em que a lei proibir o uso de armas de fogo.

Virgínia aproximou-se do ferido.

— Mas, é quase um menino! - murmurou.

— Sim, senhorita. Tem quatorze anos. Êle estava tentando defender-se.

— De quem? - perguntou ela, curiosa e ativa. Talvez o olhar de Bill Kerrigan fosse um desafio para o seu temperamento de mulher dominadora, que raras vezes se inclina diante de vontade de outra pessoa, muito menos de um homem como aquele, que a fitava de forma tão insistente.

— Não creio que isso importe agora, mas quero que salvem o rapaz. Eu... com sua licença, tenho de voltar

para salvar outra pessoa... Precisaria de alguém para me ajudar.

— Já é meia-noite, senhor...

— Meu nome é Bill Kerrigan.

— Já é meia-noite - repetiu o doutor -, Senhor Kerrigan. Estamos em Cleaftown, povoado muito pequeno e a estas horas todos dormem.

— Bem. Então terei de ir só.

— A quem precisa salvar? - perguntou Virgínia.

— Uma mulher. Caiu num barranco. Suponho que esteja morta, mas não seria agradável que seu corpo fosse devorado pelos abutres. Até logo, senhores.

— Espere. Chame Carmody. Êle é o ajudante do xerife. Na realidade aqui não temos xerife. Carmody atua como comissário. Êle o ajudará. A delegacia fica na metade da rua, do outro lado.

Bata com força, êle tem o sono muito profundo.

Após as palavras do médico, Kerrigan saiu da casa deixando o ferido. Pensando no Dr. Clédy e em sua bela sobrinha, achou que deviam ser gente muito importante, a julgar pelo seu aspecto e o conforto de sua casa. Seu lugar não era precisamente aquele, principalmente o da moça. Imaginava-a usando um belo e elegante vestido, num dos grandes salões de São Francisco ou Saint Louis.

\* \* \*

Carmody aceitou o encargo de acompanhar Bill sem fazer muitas perguntas. Juntos realizaram a viagem quase sem falar, até chegar à beira do precipício, pelo qual caíra Mona. Uma olhada nos arredores foi suficiente a

Bill para comprovar que Lou Starkie desaparecera. Com certeza fora à cidade contar tudo ao chefe.

Mas enganava-se. Lou era dos que não pediam ajuda e tomando o caminho principal, seguira as pegadas de Bill. Não haviam se encontrado porque Kerrigan e Carmody haviam tomado um atalho que o comissário conhecia, e assim haviam chegado antes.

Providos de cordas, que amarraram em algumas rochas, os dois homens desceram. O corpo de Mona Sheridan ficara preso aos arbustos espinhosos, num pequeno chapadão. — Isso impediu que fosse até o fundo - disse Bill.

Carmody inclinou-se para ouvir o coração da jovem.

— Ainda vive - murmurou.

— E' preciso içá-la imediatamente e levá-la até a casa do doutor.

— Mas, o que aconteceu aqui? - perguntou Carmody.

— E' uma longa história.

— Mas alguém deve ser responsável por isto...

— Certo. Mas agora não há tempo para conversas. Ajude-me a prendê-la com a corda. Eu subirei e a puxarei. Está bem?

Carmody concordou. Pouco depois, Bill Kerrigan alcançava a beira do precipício e puxava a corda, içando o corpo inanimado da Mona Sheridan. Minutos mais tarde, Carmody seguia a mesmo caminho. Depois, conduzindo a moça no mesmo cavalo que ela montara até chegar ao lugar onde fora atacada, os dois empreendiam o regresso a Cleaftown.

\* \* \*

— O menino está muito fraco - informou o Doutor Osborne. - De qualquer forma, o pior já passou. Se reagir como imagino, conseguiremos salvá-lo.

Virgínia tirou a roupa de Mona para que seu tio a examinasse. Depois saiu do quarto, para informar:

— Pode vir, titio. A moça está com o corpo cheio de contusões - fitando Bill, perguntou: - Como aconteceu isso?

— Ela caiu num barranco

— Caiu sozinha? - perguntou Carmody com ar de suspeita.

— Ouça... Eu me limitei a trazê-los até aqui. Aquele lugar não faz parte de sua jurisdição?

— Não. Pertence a Salem. Talvez devêssemos avisar o xerife de lá.

— Não se preocupe. Eu venho de Salem e posso assegurar-lhe que, pelo menos por enquanto, ninguém sentirá a falta desses dois. E agora, por favor, digam-me onde posso passar o resto da noite. Estou cansado.

— Posso oferecer-lhe um catre no xadrez - disse Carmody.

Bill ergueu as sobrancelhas e Carmody acrescentou:

— Eu durmo lá, não é tão mau assim... Principalmente quando se pode dormir com a porta aberta.

— Muito bem, Carmody. Aceito seu oferecimento - murmurou Bill, que, seguindo o comissário, saiu da casa do médico, prometendo: - Amanhã virei ver os feridos. Ah, e pagarei pelo seu trabalho, doutor.

## CAPÍTULO 6

Quando Virgínia ficou a sós com seu tio murmurou:

— Que homem bem estranho esse Bill Kerrigan... Não é esse o seu nome?

— Sim.

— Que acha de tudo isto?

— Olhe, querida Virgínia, em minha profissão o importante é salvar vidas. Às vezes é melhor não fazer muitas perguntas. Principalmente, quando trazem feridos dessa espécie.

— Talvez você tenha razão e não compreendo como um homem com o seu talento e renome abandonou a Califórnia para encerrar-se num povoado como este.

— Em Los Angeles há muitos médicos melhores do que eu.

— Não seja modesto. Você era dos melhores, titio e sabe disso.

— Ser melhor ou pior, minha querida, é questão de ponto-de-vista. Meus colegas que ficaram lá podem atender perfeitamente os doentes. Eu acho que povoados como este também têm o direito de ter um médico e aqui estou, não tenho motivos para queixar-me.

— A mim não engana, tio Clyde. Você partiu fugindo de si mesmo.

— Você é muito esperta.

— A morte de tia Kay foi a causa dessa fuga. Não negue.

— Talvez você tenha razão. Não soube enfrentar a vida que me esperava sem Kay. Via-a em todas as partes... Como vê, com todo o prestígio que você me atribui, não fui capaz de salvar a criatura a quem mais amava no mundo.

— A vida e a morte não dependem só da habilidade de um médico.

— Você tem razão, mas naquele tempo custei a compreender. Sim. Não tenho porque negar... Fugi sem saber para onde e não parei enquanto não cheguei neste povoado. Aqui tratei de começar uma nova vida e consegui. A gente daqui me aprecia e me respeita e se não consegui esquecer por completo, ao menos voltei a encontrar a mim mesmo.

— Você é um homem excepcional, titio. Agora quase me arrependo de ter insistido tanto para que voltasse.

— Não pretendo voltar, querida Virgínia. Decidi ficar aqui para sempre.

— Não o censuro. Mas que fará com o substituto?

— Que substituto?

— O novo médico que você pediu para ficar no seu lugar.

— Oh! Eu lhe entregarei os meus pacientes. Vou me aposentar e dedicar-

me às pesquisas. Há muitas coisas obscuras na medicina e na cirurgia. Farei experiências. Este é um lugar tranqüilo. Mas não tenha medo, não lhe pedirei para ficar. Você é jovem, tem a vida pela frente. E' lógico que prefira viver numa grande cidade.

— Ainda ficarei por alguns meses. Não que goste de estar aqui, mas quero permanecer a seu lado... Sempre pensei em escrever um livro. Agora creio ter encontrado o tema. Basearei a minha história na vida cheia de sacrifícios de um médico do interior.

— Hum... - murmurou o Doutor Clyde. - Não carregue muito nas tintas. Afinal não é um trabalho tão sublime. Como vê, tudo aqui é muito tranqüilo.

Mas a relativa tranqüilidade estava a ponto de ser interrompida com a chegada de um novo forasteiro. Era Lou Starkie. Os cascos de seu cavalo

ressoaram sobre o chão seco da rua principal, mas ninguém os ouviu, porque todo o povoado dormia plàcidamente.

Conduzindo o cavalo pelas rédeas depois de desmontar, Lou olhou em torno até encontrar a delegacia. Ali viu amarrado o cavalo que andava procurando, o de Bill Kerrigan. Olhou as pegadas e procurou o lugar de onde procediam. Aquilo o levou até a porta da casa do médico. Montou de novo e afastou-se do povoado. Acampou num lugar próximo para esperar o amanhecer.

## CAPÍTULO 7

Bill Kerrigan chegou à casa do médico e foi atendido por Virgínia.

— A senhorita é muito madrugadora... Ontem deitou-se tão tarde... - disse Bill, jovialmente.

— Gosto de me levantar cedo - replicou a jovem. - Se veio ver os feridos, ainda estão inconscientes. Meu tio disse que provavelmente ainda custem um pouco a acordar e de qualquer forma precisam de descanso.

— Sim, é claro. Mas logo que acordarem gostaria de ser avisado. Tenho de falar com eles. E' muito importante.

— São seus amigos? - perguntou a jovem.

— Na realidade não são exatamente amigos meus. Mas tenho certeza que posso lhes ser útil.

— Está bem, Senhor Kerrigan. Se ficar em Cleaftown, procurarei mandar avisá-lo, quando houver novidades.

— Obrigado... Ah, e não me chame de senhor Kerrigan, por favor. Tenho a impressão de que está falando com outra pessoa.

Sorriu novamente e ela esboçou um leve sorriso, enquanto fechava a porta. Bill não percebeu que, do outro lado da rua, escondendo o rosto com as abas do chapéu, estava Lou Starkie. Dirigiu-se ao cabaré, que ainda estava deserto. Pediu um uísque e repetiu a dose, enquanto Lou, que não tirava os olhos da porta da casa do médico, continuava esperando.

Meia hora depois viu o médico sair de casa e despedir-se de sua sobrinha. Saiu de seu esconderijo e não atravessou diretamente a rua, mas deu uma volta para sair do lado oposto.

Procurando não chamar atenção, aproximou-se pelos fundos da casa do médico. Junto a uma das janelas do prédio podia assegurar-se os passos de Virgínia, que arrumava a casa.

Esperou que a jovem concentrasse sua atenção nas tarefas da cozinha e então decidiu entrar.

Levantou com cuidado a vidraça de uma das janelas e silenciosamente deslizou para dentro da casa. Naquele momento Mona começava a recuperar os sentidos. Não recordava muito bem o que acontecera e começou a examinar o lugar. Tentou mover-se e teve de abafar um grito de dor. Todo o seu corpo doía por causa das contusões recebidas e sentia ainda a ardência dos arranhões. Viu seu vestido esfarrapado numa cadeira. Só então percebeu que vestia outras rou-

pas, roupas que não lhe pertenciam. Começou a recordar.

— Sim... Estava na beira do precipício. Aquele homem me perseguia... Antes tinham atirado contra Ciry! Ciry! Onde estará êle?

Pensou em Pat... — Meu Deus!

Quanto tempo permanecera inconsciente, naquele quarto desconhecido? Com muito esforço, conseguiu levantar-se e aproximou-se da janela. Afastou as cortinas e ao olhar a rua encontrou-se numa cidade estranha. De onde estava podia ver perfeitamente um cartaz com os seguintes dizeres:

"Armazém Geral - Eastman-Cleaftown."

Cleaftown! Sim, era esse o nome do povoado. Recordava as palavras de Ciry!. Aproximou-se da porta. Abriu-a com cautela, como se desconfiasse de

todos. E precisamente aquela desconfiança salvou-a, porque com a porta entreaberta pôde ver o homem que furtivamente subira a escada e chegava ao último degrau. Era Lou Starkie. Recordava-se de tê-lo visto no povoado; mas o que mais recordava, ainda que de forma vaga, era a perseguição.

Tinha a certeza de que fora Lou o homem que a perseguira e fizera cair no barranco.

Sem dúvida, agora queria matá-la. Fechou a porta, procurando não fazer ruído. Naquele momento não sentia as dores das contusões, só pensava em salvar-se.

Apressou-se a vestir-se de qualquer forma, enquanto alguém, do outro lado da porta, girava o trinco, tentando abri-la. Mas Mona tomara as precauções de

correr o ferrolho ao ver que a porta não cedia. Lou Starkie tentava forçá-la.

Ofegante e atemorizada, Mona acabou de vestir suas roupas agora convertidas em farrapos por causa da queda no precipício e procurou uma saída.

Só havia a janela. Mona abriu a vidraça e olhou para baixo. Eram dois andares, protegidos por uma estreita cornija.

Sem pensar mais, Mona passou para o outro lado da janela e, dominando a vertigem provocada pela altura, começou a andar. Apoiava as costas contra a parede, fechando os olhos para não ver a rua.

Tornou a sentir o efeito das contusões, mas continuou andando. Passou por diante da outra janela, mas estava de costas para ela e isso a impediu de ver Lou.

Aquela janela comunicava com o corredor, precisamente onde Lou estava, tentando forçar a porta de seu quarto. O pistoleiro a viu passar e sorriu friamente.

Seria muito fácil acabar com ela agora... Era só abrir a janela e empurrá-la. Mona cairia morta lá em baixo.

Com esses pensamentos o pistoleiro aproximou-se da janela. Agora era só abrir a vidraça e empurrar a moça no vazio. Despertaria menos atenção do que um tiro.

Mona ficara imóvel. A cornija terminava precisamente ali. Mais adiante havia uma sacada, mas era muito arriscado chegar até ela porque precisava saltar e não tinha muita certeza de manter o equilíbrio.

Naquele preciso momento Bill Kerrigan saía do cabaré. Tinha de

passar pela frente da casa do médico, que ficava a uns cinqüenta metros. Quase sem querer olhou para cima e ao ver a moça, apertou o passo.

Ela também o viu. Seu rosto não lhe era desconhecido e mesmo que na noite anterior só tivesse visto Lou, reconheceu Bil como assíduo frequentador do cabaré em Salem e companheiro de seu perseguidor.

Era muita coincidência. Em vez de um inimigo, dois a assaltavam, e abafando um grito voltou-se para entrar na casa. Só então viu o perigo que a esperava. Lou já estava na janela e começava a abrir a vidraça para empurrá-la.

A moça não se conteve e gritou. Virgínia, que estava na cozinha, ouviu o grito.

— Que será isto? - murmurou. - Parece que vem lá de cima...

Sem hesitar, saiu da cozinha e começou a subir as escadas.

— Quem está aí? - perguntou.

Lou desistiu de seu intento. Era preciso passar completamente despercebido, senão seu plano falharia. Eram as ordens recebidas do chefe.

— Ninguém deve suspeitar que eles foram assassinados, compreende? - dissera ao lhe dar a ordem de eliminar a moça e o rapaz. - Se o apanhassem, você seria obrigado a falar...

E Lou era sempre um fiel cumpridor das ordens daqueles que pagavam pelos seus serviços. Por isso, correu para o outro extremo do corredor, procurando um lugar onde refugiar-se, antes que a moça chegasse.

Abriu a primeira porta que encontrou. O quarto estava às escuras. Lá fora ouviu a voz de Virgínia.

— Meu Deus! Que está fazendo aí na janela? — exclamou a sobrinha do doutor.

Desorientada, Mona não sabia o que fazer. Compreendeu, entretanto que Lou se escondera porque não desejava ser visto. Aquela moça lhe inspirava muito mais confiança.

Virgínia ajudou-a a descer da janela e Mona, como estava muito fraca, desmaiou.

— Vou levá-la para o quarto - murmurou Virgínia. - Mas não tente escapar novamente. Aqui ninguém vai lhe fazer mal.

Mona já não ouvia. Estava desacordada. Enquanto Virgínia a arrastava para o quarto, Lou acendia um fósforo para ver onde se encontrava. Era outro quarto.

Seu rosto habitualmente inexpressivo, iluminou-se com um

sorriso mau. Aquela seria a sua oportunidade para acabar com uma de suas vítimas. As coisas estavam saindo muito bem para êle, melhor do que esperara depois da estranha reação de Bill Kerrigan.

O chefe lhe prometera muito dinheiro pela morte daqueles dois e êle os eliminaria de qualquer forma. Bill Kerrigan não poderia fazer nada para ajudá-los agora. Estava longe e nem desconfiava de sua presença naquela casa.

Virgínia deitou Mona novamente em sua cama e saiu do quarto, fechando a porta e voltando para a cozinha.

Lou Starkie ouviu quando a jovem fechou a porta e desceu as escadas. Agora estava com o caminho livre para eliminar uma de suas vítimas, a mais indefesa. Ciryll ainda estava

desacordado e não se recuperara totalmente do ferimento. Aquela era uma magnífica oportunidade para acabar com êle. Aproximou-se com cuidado. Naquele momento Bill Kerrigan bateu. — Abra a porta, Senhorita Virgínia, por favor.

Lou puxou o travesseiro por detrás da cabeça do ferido. Pretendia asfixiá-lo com êle. Ninguém perceberia nada. Não deixaria marcas. Pensariam que morrera em consequência dos ferimentos. Depois se encarregaria de Mona. Não iria embora de Cleaftown antes de concluir o trabalho.

## CAPITULO 10

Virgínia abriu a porta a Bill.

— Que aconteceu? - perguntou êle.

— Não sei. Surpreendi a moça no parapeito da janela. Creio que tentava fugir. Estava aterrorizada.

— Aterrorizada?

— Sim.

— Deixe-me falar com ela.

— Não poderá falar com ela agora. Está desacordada.

— Se a senhorita me der licença, ficarei a seu lado até que acorde.

— Bem, senhor...

— Bill - recordou êle , rindo. - Nada de senhor.

— Está bem, Bill. Explique-me o que está acontecendo. De quê essa jovem tem medo?

— A senhorita é muito curiosa.

— Este povoado é sossegado e ela está em casa de meu tio. Clyde Osborne é um homem extraordinário.

— Não duvido.

— Não gostaria que para ajudar a quem não merece êle se visse envolvido em algo que possa perturbar a sua tranqüilidade.

— A senhorita é uma ótima sobrinha, mas não se preocupe. Nada acontecerá a seu tio. Eu lhe prometo.

A jovem lançou um rápido mas significativo olhar aos revólver que pendia do cinto de Bill.

— Não inspiro confiança? - perguntou êle, com um sorriso.

— Meu tio sempre diz que no dia em que proibirem as armas de fogo o mundo será bem melhor.

— A minha arma me acompanha sempre e pode estar certa de que se ainda estou vivo é por causa dela.

— Só precisam de revólver os que temem alguma coisa.

— Eu não temo a nada, mas se me tirassem esse colt me sentiria tão nu como a senhorita sem esse vestido, que lhe fica tão bem.

Virgínia enrubesceu e Bill, sem esperar resposta, caminhou em direção ao consultório do doutor.

— Onde estão os pacientes?

— Lá em cima. No segundo andar.

— Como os levaram?

— Meu tio tem uma maca. Eu o ajudei a transportá-los. A casa é grande o segundo andar é sempre utilizado para os casos de emergência. Está satisfeito com a explicação?

— A senhorita me acompanha?

Após breve hesitação, a moça seguiu na frente. Enquanto isso, no quarto de Círyl, Lou levava a cabo seus propósitos. Apertando fortemente o

travesseiro sufocara Círyl. Aparentemente o rapazinho dormia, mas estava morto.

Lou então colocou o travesseiro em seu lugar e esperou. Ao ouvir passos que se aproximavam, escondeu-se atrás da porta. Virgínia e Bill entraram no quarto de Mona. A moça ainda estava inconsciente.

— Não pode dar-lhe algo para reanimá-la? - perguntou Bill.

— Não sei... - hesitou Virgínia.

— Vamos, seja camarada... Preciso falar com ela o mais depressa possível.

Virgínia saiu do quarto. Lou, que estava observando, decidiu sair também. Procurando não fazer ruído, avançou lentamente, nas pontas dos pés. Ao chegar junto à escada, viu que tinha o caminho livre, mas não podia ir embora sem terminar seu trabalho. Olhou ao seu redor, procurando um

lugar onde esconder-se. Ali perto havia uma pequena porta. Abriu-a. O lugar estava vazio, devia ser um depósito fora de uso. Seria um bom esconderijo.

Naquele momento Virgínia subiu com um remédio e um copo d'água. Pouco depois dava uma pílula à Mona, que já acordada, fitava Bill com terror. Virgínia percebeu a expressão aterrorizada da moça.

— O que teme? Aqui não pode lhe acontecer nada.

Bill sorriu.

— Talvez se lembre de mim. Nós nos vimos no cabaré de Salem.

— O senhor é amigo dele... - balbuciou a jovem. - Desse homem que quer me matar...

Bill sacudiu a cabeça.

— Não, não... Eu a tirei do barranco. Esta senhorita é testemunha

que eu os trouxe para cá para que um médico os atendesse.

— Mas atiraram em Cirył. Um de vocês atirou nele.

Virgínia observava os dois com curiosidade, principalmente a Bill.

— Você deve confiar em mim, Mona. Talvez não seja grande coisa, mas posso lhe garantir que não sou um assassino.

— Mas o senhor estava com êle...

— Refere-se a Lou Starkie?

— Sim, creio que é esse o seu nome...

— Sim, estava com êle, mas quando soube que alguém nos pagara para que os matasse não quis me envolver no caso. Compreende? Já lhe disse não sou um assassino. Foi contratado pensando que se tratava de um emprego de guarda-costas. Já fiz trabalhos semelhantes, mas nunca me

ordenaram atirar contra mulheres e crianças. Sempre atirei contra sujeitos da pior espécie, que sabiam se defender... Bem, talvez minha vida não seja um exemplo, mas. não tenho nada de que me envergonhar.

As duas mulheres guardaram um profundo silêncio. Mona foi aos poucos recuperando a calma. Bill prosseguiu:

— Conheço o homem que nos pagou para liquidá-los.

— Quem é esse homem?

— Depois eu direi. Deixe-me prosseguir.

Mona concordou.

— Aceitei o trabalho porque êle pagava bem e não fazíamos nada. Durante um mês recebi meu dinheiro sem fazer outra coisa além de passar as noites me divertindo no saloon, mas durante esse tempo mataram o banqueiro Lemont e seu amigo pagou o

pato. Eu não gosto de me meter nos problemas dos outros, mas quando a noite passada Lou me disse que o chefe mandara liquidá-los, o caso começou a desagradar-me.

Mona o interrompeu:

— Queriam matar-nos porque íamos a procura de uma testemunha.

— Que testemunha?

— Um homem que conduzia uma carroça. Um vendedor ambulante, desses que andam pelos povoados oferecendo remédios milagrosos.

— Oh, sim! Eu me lembro de ter visto esse sujeito em Salem - replicou Bill.

— Pois era a êle que procurávamos.

— Esse homem passou por aqui há alguns dias — disse Virgínia. - Se não estou enganada, foi embora na véspera da chegada de vocês.

— Então ainda será fácil encontrá-lo. Preciso encontrá-lo. Êle pode testemunhar a favor de Pat - exclamou Mona.

— Quem é Pat? - interveio novamente Virgínia.

— E' meu noivo - explicou Mona. - Vão enforcá-lo por um crime que não cometeu.

— Que pode fazer por ele esse vendedor ambulante? - perguntou Bill.

— Êle estava na frente do Banco e viu o assassino sair. Cyríl também viu.

Bill concordou com um gesto de compreensão. De repente, Mona fitou-o, com o pânico refletido no olhar.

— O senhor está querendo arrancar tudo o que eu sei. Não posso confiar...

— Por que diz isso?

— Seu amigo está aqui.

— Que amigo?

— Lou.

— Lou Starkie? Onde?

— Na casa. Estava no corredor. Eu o vi e por isso tentei fugir.

— Nesta casa! - exclamou Virgínia.

— Sim. Se é verdade que não está de acordo com êle, procure-o. Êle estava no corredor - insistiu Mona.

Bill e Virgínia trocaram um rápido olhar.

— Não pode ser. Não entrou ninguém e eu não saí de casa.

— Eu o vi com os meus próprios olhos!

— Espere, acalme-se - pediu Bill.

— Está exausta, passou por uma prova muito dura - disse Virgínia, com um sorriso tranqüilizador.

— Por que não acreditam em mim? Não tive visões. Não foi nenhuma alucinação. Lou estava aqui.

Bill levantou-se levando um dedo aos lábios e puxando o revólver.

— Não saiam daqui.

— Mas... - começou a dizer Virgínia.

Bill abriu a porta e saiu ao corredor. Estava deserto. Enquanto isso, de dentro do depósito onde estava escondido, Leu seguia todos os seus movimentos. Bill avançou pelo corredor. Foi abrindo as portas, uma a uma... Virgínia aproximou-se dele.

— Isso é impossível, não pode haver nenhum homem escondido por aqui. Eu teria visto - murmurou.

— Pode ter entrado sem que a senhorita visse.

Detiveram-se junto à escada, perto da porta do depósito.

— Eu acho que o medo influenciou Mona. Está muito atemorizada.

— De qualquer forma, quero certificar-me.- Inclusive por mim mesmo. Não gostaria de ter ninguém espreitando às minhas costas.

— Bem, continuemos procurando - disse Virgínia e mostrou-lhe a escada que dava para o terraço. Aquilo distraiu Bill da porta do depósito.

— Pode-se subir até aqui da rua?

— Impossível, a menos que se tenha garras nas mãos.

Bill quis certificar-se e viu que com efeito era impossível entrar por ali. E muito menos sair. Não havia também ninguém escondido no terraço.

Desceram ao primeiro andar. Naturalmente não encontraram ninguém ali. Lou tinha o revólver preparado para atirar. Se fosse descoberto, atiraria sem se importar com o barulho. Arriscaria tudo numa cartada.

Mas teve sorte, ou os outros tiveram, pois ao fim de dez minutos Bill dava-se por vencido.

— Com certeza já foi embora... Mas é quase certo que entrou. Qualquer das janelas pode ser facilmente aberta por fora. Depois percorrerei o povoado para ver se o encontro. Agora deve estar longe daqui.

Virgínia continuava achando que Lou não entrara na casa. Regressaram para junto de Mona, que se acalmou bastante ao saber que não haviam encontrado ninguém. Entretanto, continuou afirmando ter visto Lou. Não voltaram a falar no assunto e Bill insistiu em que ela devia ter confiança nele. Depois, voltando à conversa interrompida, disse:

— A história que você me contou concorda perfeitamente com a missão que o chefe nos encomendou.

— Você descobriu mais alguma coisa? - perguntou Virgínia, bastante interessada pelo destino de Pat e Mona.

— Começo a ver claro. Alguém trata de impedir que vocês esclareçam o caso - continuou Bill.

— E' o assassino - disse Mona.

— Talvez - disse Bill.

— Você trabalhava para êle? - perguntou Virgínia.

— Já lhe disse que não tenho nada a ver com isso. Mas agora, sem querer, estou metido até o pescoço. Esse sujeito mandará me procurar. Posso receber um tiro pelas costas quando menos esperar.

— Quero sair daqui. E' necessário - disse Mona. — Se Ciryll não pode me acompanhar, irei só.

— Não se preocupe. Fique aqui. Não sei por que me meto nisso, mas encontrarei o vendedor ambulante.

— Tem que fazê-lo falar, antes que enforcem Pat. O juiz disse que esse era o único meio de salvá-lo.

— Eu o encontrarei. Não se preocupe. Nenhum deles se dera conta que Lou Starkie saíra de seu esconderijo no corredor e ouvira toda a conversa, murmurando baixinho:

— Vocês sabem demais. Terei de matar os três...

## CAPITULO 11

— Nem uma palavra sobre tudo isto - advertiu Bill a Virgínia enquanto esta entrava no quarto de Círyl, para ver como ia o menino.

Lou voltara a seu esconderijo. Uma vez mais devia agir com cautela. Se atirasse, os tiros chamariam a atenção dos moradores do povoado e não podia arriscar-se. Tinha de matá-los sem fazer ruído, ou longe dali.

Virgínia saiu horrorizada do quarto de Círyl, exclamando:

— Meu Deus! Êle está morto!

— Morto? - perguntou Bill, entrando no quarto.

— Seu coração não bate, nem respira mais. Bill passou um das mãos pela cabeça e aproximou-se da janela, observando a rua com rosto inexpressivo.

— Tio Clyde disse que êle tinha muitas possibilidades de sobreviver, entretanto... - a jovem interrompeu-se para aproximar-se de Bill. - Que há com você?

— A culpa é minha - murmurou Bill.

— Como?

— Eu sou o responsável. Atirei nele.

— Você?

— Sim. Foi em legítima defesa. Enquanto discutia com Lou, Ciryl suspeitou que íamos matá-lo e tratou de defender-se. Atirou com o rifle contra mim e eu estava com o revólver na mão. Defendi-me instintivamente e acertei-o...

Ela fitou-o um momento, respeitando o seu silêncio. O rosto de Bill, habitualmente risonho, sofrera

uma súbita mudança. Agora mostrava-se duro e amargurado.

— Mas não teve intenção de matá-lo, Bill - murmurou a jovem, compreensiva.

— Que importa a intenção? Quando a gente atira, expõe-se a matar. Eu não queria, atirei por instinto... Se não tivesse apertado o gatilho antes...

— Não se censure. Agora creio sinceramente que você não é um assassino.

— Mas a bala que ceifou a vida desse menino saiu de meu revólver. E ninguém sente tanto quanto eu.

— Ajude Mona. Encontre esse velho da carroça e salve a vida de um inocente.

A voz de Virgínia soava cálida e doce. Bill fitou-a longamente. Nunca conhecera uma mulher como ela.

\* \* \*

Bill saiu da casa sem suspeitar que deixava as duas mulheres expostas ao pior dos perigos. Não podia suspeitar de forma alguma que Lou Starkie estava ali dentro, esperando o momento oportuno para aparecer. Entretanto, Lou continuava escondido onde ninguém suspeitava de sua presença.

Agora Virgínia e Mona estavam sós. Ao ver que Bill saíra da casa, Lou abandonou seu esconderijo. Enquanto estivera escondido traçara um plano e agora chegara a hora de executá-lo.

Mas para pôr em prática tal plano teria de esperar mais algumas horas. Durante a noite seria muito mais fácil tirar as duas mulheres dali. Não podia matá-las dentro da casa, pois isso

podia despertar suspeitas e não queria correr nenhum risco.

Quando Bill Kerrigan voltasse ao povoado em companhia do velho vendedor ambulante, se encarregaria dele. Bill nunca conseguiria levar aquela testemunha a depor diante do júri em Salem. Bem, mas isso ficaria para mais tarde, supondo que Bill encontrasse o velho.

O mais importante agora eram as duas mulheres. Precisava livrar-se delas, sabiam demais. Pensou também no Doutor Osborne. Seria obrigado a eliminá-lo também, não podia deixá-lo com vida, para que denunciasse o desaparecimento das duas moças. Tudo tinha de ser feito com a maior cautela.

Sorriu friamente, decidido a levar até o fim os seus planos. Dirigiu-se para o quarto de Mona e empurrou a

porta, abrindo-a. A jovem, que estava deitada mas acordada em seu leito, voltou-se aterrorizada.

Lou murmurou friamente:

— Não grite ou eu serei obrigado a matá-la agora mesmo! Fique quieta e obedeça. Será melhor para você.

Mona tentou levantar-se. Estava aterrorizada e o medo a impedia de gritar. Lou encaminhou-se para ela e esmurrou-a brutalmente.

Repetiu o golpe e o sangue começou a escorrer do rosto da moça. Mona caiu sobre o travesseiro, quase desfalecida.

— Isto é para que não se esqueça de que a partir de agora deve obedecer as minhas ordens. Entendeu?

Mona fitou-o aterrorizada e baixou a cabeça.

— Onde está a outra moça? - perguntou Lou. -Preciso dela também.

— Virgínia está lá embaixo, na cozinha - disse Mona baixinho. O medo quase a impedia de falar.

— Trate de chamá-la então. E não tente nenhum truque. Chame-a com naturalidade, como se não tivesse acontecido nada.

Mona levantou-se e dirigiu-se para a porta, sob a ameaça do revólver de Lou.

\* \* \*

Quando Virgínia entrou no quarto foi surpreendida por Lou, que lhe apontava o revólver.

A moça estremeceu. Não esperava encontrar aquele homem dentro da casa.

O pistoleiro riu ao ver a sua perturbação e disse:

— Vá até a cama e sente perto de sua amiga. E não tente gritar para pedir auxílio, porque não estou brincando. Pretendo usar este revólver, se fôr preciso.

Virgínia continuou imóvel, tolhida pela surpresa.

— Teremos que ficar algumas horas juntos, assim procurem não complicar as coisas. Não me façam perder a paciência.

— Que pretende fazer? - perguntou Virgínia, que procurava manter a serenidade.

— Isso não é da sua conta. Agora fiquem quietas e comportem-se com naturalidade. Aqui não está acontecendo nada, absolutamente nada, entendem?

Virgínia retrocedeu até a cama e sentou-se junto à Mona. As duas mulheres estavam nas mãos de um

assassino sem escrúpulos, que não hesitaria em matá-las.

## CAPITULO 12

Antes de deixar Cleaíton, Bill Kerrigan deu uma olhada pelas ruas para ver se via o cavalo de Lou. Isso lhe indicaria onde andava o pistoleiro. Mas Lou tomara precauções. Seu cavalo estava bem escondido. Bill então decidiu deixar o povoado e seguir as pegadas da carroça o velho vendedor ambulante. Antes de sair, perguntou a Carmody se se recordava por onde o velho seguira.

— Sim... Eu me lembro dele - disse o comissário. - Seguiu para o oeste. Provavelmente para Calvert Springs, que fica a meio dia daqui, ao pé das montanhas.

— Meio dia de viagem é muito tempo. Espero encontrá-lo pelo caminho. Esses sujeitos não costumam andar muito depressa.

E sem dizer mais nada, Bill montou a cavalo e seguiu a galope até encontrar uma encruzilhada. Ali saltou para orientar-se, examinando as marcas das rodas da carroça.

— E'... Êle foi para oeste. Com certeza deteve-se antes de atravessar a planície. Com este calor, na certa se deterá até o entardecer.

E calculou que duas horas de galope ininterrupto o separavam da planície.

\* \* \*

O cavaleiro suado e de aspecto cansado chegou ao bosque de cedros, verdadeiro oásis depois a planície árida. Era jovem, de aspecto decidido, uma dessas pessoas com as quais é fácil iniciar um diálogo. Ao ver a carroça deteve-se.

— O senhor é a primeira pessoa que vejo em quinhenttos quilômetros de viagem - exclamou, saltando do cavalo diante da carroça pintada de cores berrantes.

— Vem de longe?

— Sim, venho do norte. Do outro lado das montanhas.

— Refresque-se um pouco. O riacho fica logo ali — e o velho apontou entre as árvores para um lugar onde se pressentia o frescor da água.

O recém-chegado foi até o riacho e molhou o rosto, depois sentou-se no chão, em frente ao velho.

— Tenho algumas conservas e carne de alce. Eu mesmo cacei. O senhor está convidado para comer comigo - disse o velho.

— E aceito com muito prazer. Como cheira bem esse assado!

— A carne de alce é o melhor alimento que Deus criou para o homem - disse o velho, como se pronunciasse uma sentença.

— Aceito com prazer o seu convite, amigo. A propósito, permita-me apresentar-me. Meu nome é Andrew Cummings. Sou médico e dirijo-me a Cleafton para substituir um velho colega.

— Ah! Eu conheci o médico de Cleaftown, é um homem extraordinário. Por que deseja aposentar-se? E' um homem famoso...

— E' mesmo?

— Eu sei muitas coisas, meu filho. Há anos percorro o oeste de ponta a ponta. Conheci esse médico na Califórnia. Era conhecido como bom profissional.

— Como é o seu nome?

— Osborne.

— Osborne - O senhor se refere a Clyde Osborne? — perguntou o recém-chegado.

— Sim.

Cummings assobiou.

— Puxa! Êle foi meu professor!

— Eu lhe disse que era uma pessoa importante...

— Que fará um homem como Osborne num povoado desses?

— Isso talvez consiga descobrir mais tarde, rapaz. Vamos ver como está o assado? - disse o velho, aproximando-se do fogo.

— Eu o ajudarei - disse o rapaz, que estava com muita fome.

Pouco depois os deis comiam com satisfação.

— Espero - disse o forasteiro - que Osborne não tenha muita boa memória.

— Por quê?

— Bem, eu não era um de seus alunos mais aplicados. Meus pais queriam que eu fosse médico, mas não me interessava muito. Era muito jovem e outras coisas me atraíam.

O velho observou o revólver que Andrew trazia à cintura.

- Um quarenta e cinco... Era essa uma de suas distrações?

— Bem, confesso que gosto de usá-lo, mas isso já acabou, Agora estou levando a carreira a sério, mas não posso prescindir dele - e sacou o pesado Colt.

— Com isso você poderia caçar elefantes - disse o velho.

— Bem, espero não ter de usá-lo, mas nestas terras nunca se sabe. O senhor não acha?

— Acho que é melhor não se meter em confusões

— Faz muito tempo que eu deixei disso, amigo. Bem, obrigado pela comida, estou ansioso por chegar em minha nova casa e tomar um banho.

O jovem médico despediu-se do velho, que se preparou para partir muito antes do que prevera Bill.

Andrew agora cavalgava com mais calma. Depois da comida e do vinho que lhe dera o velho, começou a sentir um suave torpor e acabou por cochilar sobre o cavalo. Despertou subitamente, quando o cavalo corcoveou, relinchando. Quis agarrar-se, mas foi derrubado pelo animal, enquanto um estranho assobio soava muito perto dele. Uma cobra de tamanho normal, enroscada e com a cabeça levantada, preparava-se para dar o bote.

O rapaz retrocedeu, compreendendo o perigo. Sabia que o menor movimento instigaria o réptil a

lançar-se sobre êle. Cummings não se atrevia nem a respirar. Mas naquele exato momento um tiro partiu em dois o corpo do réptil. Cummings voltou-se em direção ao seu providencial salvador e viu Bill Kerrigan, com o revólver ainda fumegante na mão.

— Creio que lhe devo a vida, amigo... - começou a dizer o médico, mas de repente seus olhos se arregalaram de surpresa. - Ei, você é Bill Kerrigan!...

— Doutor Andrew Cummings! Ora vejam, como o mundo é pequeno! Que é feito de sua vida, amigo? Suponho que conseguiu formar-se em medicina, ou estou enganado?

— Não, Bill, você não está enganado. Mas, e você? Que anda fazendo?

— Um pouco de tudo...

Andrew saltou do cavalo e disse ao amigo:

— Desmonte, rapaz. Vamos conversar um pouco.

— Sinto muito, amigo. Não posso. Estou com pressa.

— Você sempre será o mesmo, Bill... Poderia ser um bom médico.

— Já há bastante curandeiros por aí. Você não acha?

— Posso ajudá-lo?

— Talvez. Você encontrou no caminho um velho com aspecto de profeta? Um desses vendedores ambulantes...

— Não me diga que está procurando aquele velho... Eu até almocei com êle. Ofereceu-me um banquete. Mas ouça o meu conselho: se êle lhe oferecer vinho não aceite. Não sei que droga êle colocou naquela bebida...

— Onde o viu?

— Perto da planície. E' muito importante para você encontrá-lo?

— Sim. Talvez possa lhe contar tudo mais tarde. Agora preciso ir.

— Está bem. Se passar algum dia por um lugar que não há no mapa e que responde pelo nome de Cleaftown, não se esqueça de me fazer uma visita. Vou substituir o médico de lá.

— Então nos encontraremos. A noite passada dei um bocado de trabalho ao homem que você vai substituir.

— Você o conhece?

— Sim, conheci-o ontem. Até breve.

— Até breve, Bill. Fiquei muito satisfeito por encontrá-lo. Realmente, o mundo é muito pequeno mesmo...

Bill seguiu seu caminho à procura do homem cujas declarações poderiam

salvar a vida de um inocente. Enquanto  
isso em casa do Doutor Osborne...



## CAPÍTULO 8

O Doutor Osborne empurrou a porta e estranhou ao ver que estava trancada por dentro.

— Você está aí, Virgínia? - perguntou.

Era meio-dia e a rua estava deserta, todos estavam almoçando em suas casas. Lá dentro, Lou tomara a precaução de amordaçar Mona, para que esta não gritasse. Sem soltar o revólver, ordenou à Virgínia:

— Agora vá abrir a porta para o seu tio, mas não tente avisá-lo. Neste brinquedinho - disse apontando para o revólver - há balas suficientes para os dois.

Virgínia foi obrigada a obedecer. Ao passar diante de urna cômoda deteve-se. Sabia que ali dentro seu tio

guardava uma pistola. Estava carregada, se pudesse alcançá-la...

Virgínia não era uma mulher habituada a lidar com armas de fogo, mas não lhe faltava decisão e num caso como aquele estava disposta a se defender. Entretanto, o cano do trinta e oito de Lou empurrou-a para a porta. \_ Que aconteceu? - perguntou o Doutor Osborne. - Por que você...? - não terminou a frase. Visa o pistoleiro com o revólver na mão.

— Que significa isto? - perguntou, sem perder a calma.

— Durante algumas horas ficaremos juntos, como uma família unida, cujo chefe sou eu... Obedeça e procure não fazer nenhuma tolice, doutor.

— Quem é você? - perguntou o médico, avançando para Lou.

— Alto! Não tente bancar o herói. O senhor já é muito velho e eu não tenho paciência. Não faça perguntas e obedeça - fitou Virgínia e disse:

— Você e eu iremos agora até a cozinha, beleza. Está na hora de comer. Quanto a seu tio, não sairá de casa nem tentará pedir ajuda, se deseja que você continue viva.

— Não compreendo o que pretende com isso - disse o doutor.

— Depois eu explico - disse Lou. - Agora quero comer um pouco. Estou louco de fome.

O olhar do médico pousou na cômoda. Ele também se lembrara do revólver. Esperou que Lou desaparecesse em direção à cozinha e dirigiu-se para a cômoda. Mas pouco depois o pistoleiro apareceu novamente e mostrou-lhe a pequena arma.

— Era isso o que estava procurando, doutor? Tomei minhas providências... Talvez isto lhe tenha salvo a vida... pois se tentarem alguma coisa eu os matarei!

— Ele nos matará de qualquer forma, - disse Virgínia, aparecendo. - Quer livrar-se de Mona Sheridan e de mim porque sabemos demais. Bill contou-nos tudo. Este homem é um assassino profissional... Sinto muito que esteja metido nisto, tio Clyde.

— Nada de sentimentalismos e tratem de obedecer - disse o pistoleiro, empurrando brutalmente a jovem em direção à cozinha.

Osborne deu um passo à frente, ameaçador. Era muito velho para sentir medo e não permitiria de maneira alguma que aquele homem maltratasse sua sobrinha. Mas, sem hesitar um momento, o pistoleiro levantou o

revólver e descarregou-o brutalmente no rosto do médico. O velho caiu para trás, com o rosto ensangüentado.

— Canalha! - gritou a moça, lançando-se contra Lou.

O pistoleiro deu-lhe uma bofetada, impelindo-a contra a parede.

— Espero que tenham compreendido agora - disse, esmurrando-a novamente, com um brilho selvagem nos olhos.

## CAPITULO 14

Cavalgando rapidamente, Bill Kerrigan conseguiu alcançar o velho mascate algumas horas mais tarde.

— Ei, amigo... Espero que não se importe de dar meia volta. O senhor precisa voltar comigo a Salem o mais depressa possível.

— Salem? - perguntou o velho, surpreso. - Por que tenho de voltar para lá? Não compreendo...

— Procure se recordar do que aconteceu na noite em que o senhor saiu de Salem. Pense um pouco...

O velho baixou os olhos, mas não disse nada.

— Aposto que sabe da que estou falando. Não é verdade?

— Não voltarei a Salem - retrucou o velho, com firmeza.

Bill suspirou.

— Está querendo que eu o leve à força?

— Está me ameaçando? Não tenho medo. Sou velho e já passei por perigos maiores. Não conseguirá levar-me a Salem. Tenho meu caminho traçado e nunca o mudo.

— Desta vez terá de abrir uma exceção.

— Por quê?

— O senhor viu um homem sair dos arredores do Banco. Era um assassino.

— Não sei do que está falando.

— Estava ali quando soaram os tiros. Alguém o viu. Eu também vi sua carroça.

— E daí?

— Acusaram um inocente. Um homem morrerá amanhã ao amanhecer se não chegarmos a tempo.

— Que posso fazer?

— Declarar que viu um homem sair do Banco. Isto obrigará o juiz a reconsiderar o caso.

— Olhe, rapaz, há muitos anos decidi não me meter em confusões. Não sei o que aconteceu ali, não era da minha conta, mas, pelo que diz, compreendo que deve ser um caso complicado. Se alguém quer pôr a culpa nesse rapaz não hesitará em tomar represálias contra quem se interpuser em seu caminho. Portanto, deixe-me em paz.

— Velho teimoso - Bill saltou do cavalo e subiu à carroça, agarrando o velho pela gola do paletó.

— Que espera conseguir? Se eu me negar a declarar, não conseguirá nada maltratando-me... E se me matar, eu também não servirei de testemunha.

— Que espécie de homem é o senhor? Uma pessoa inocente vai

morrer e o senhor nem se perturba. Está em suas mãos salvar uma vida e o senhor não se importa.

O velho deu de ombros e olhou para a frente com expressão ausente, perdida na imensidão da planície. Bill puxou o revólver e apontou para a testa de seu interlocutor.

— Sujeitos como o senhor não merecem viver. Se não quer acompanhar-me não o faça, mas chegou ao fim de sua viagem. Entende? Aqui se acabou sua mesquinha existência.

Pela primeira vez o velho pareceu levar mais a sério as palavras de Bill. Talvez porque o visse decidido a cumprir a sua ameaça.

— Está bem, está bem. Se faz tanta questão... Mas isto se chama coação.

— O senhor viu o homem sair da casa.

— Sim. Admito que vi algo, mas se tivesse de andar por aí explicando tudo o que vi... - fêz uma pausa e acrescentou: - Sabe por que vivi tantos anos? Porque nunca comprei barulho, nunca me meti na vida dos outros. Se quer um conselho, faça o mesmo, do contrário, quando menos esperar uma bala se interporá em seu caminho.

— Prefiro essa bala a ver consumada uma injustiça.

— O senhor nunca cometeu injustiças?

— Não...

— Acho que já o vi em algum lugar...

— E' possível.

— Em Saint Louis você trabalhava como leão-de-chácara num cabaré.

— Um trabalho como qualquer outro.

— Existem trabalhos mais dignos.

— Talvez. Mas cada um escolhe o que mais lhe convém. Eu nunca fiz nada contra a lei.

— Entretanto, o homem que agora pretende delatar contratou-o um dia para protegê-lo.

— O que está dizendo?

— O senhor sabe muito bem a que me refiro.

— Então era êle que o senhor viu sair do Banco, não é?

— Sabe disso tão bem quanto eu.

— Eu não sabia. Êle fêz esse trabalho por conta própria... Suspeito disso desde ontem à noite, mas não posso testemunhar porque não vi nada.

— E acha que faz bem delatando-o?

— E' um assassino.

— Mas você aceitou o seu dinheiro.

— Não aceitei dinheiro para assassinar ninguém. E posso devolver o que recebi. Está mais satisfeito agora?

— Não vejo como posso estar satisfeito. Eles acabarão conosco de qualquer forma. Quando esse homem souber o que pretendemos fazer mandará alguém eliminar-nos.

— Não será tão fácil... Sei me defender com um revólver.

— Mas, quem me defenderá?

— Se o senhor não se afastar de mim, ninguém lhe fará mal.

O velho deu de ombros e Bill disse:

— Prepare-se para fazer esses matungos trotarem. Iremos diretamente a Cleaftown, ali o senhor poderá deixar a sua carroça. Depois, esta mesma noite, nos dirigiremos a Tucson para falar com o juiz. Ainda nos restará ainda um dia para regressar a Salem antes que Pat Morrison seja enforcado.

O velho aceitou, resignado, as ordens de Bill.

## CAPITULO 15

A tarde caía. Lou reunira seus três prisioneiros no escritório do Doutor Osborne. Mona Sheridan, já desamarrada e sem a mordaca, fitava com seus grandes e assustados olhos o pistoleiro, que dizia naquele momento:

— Quando anoitecer sairemos do povoado. Vou precisar de uma charrete maior que a sua, doutor. O senhor dispõe de alguma carroça?

— Não - respondeu o médico, secamente.

— Então trate de arranjar. Alguém lhe emprestará. Dê qualquer desculpa, mas sem levantar suspeitas. Vamos! Lembre-se de que enquanto o senhor estiver fora estas duas moças responderão por seus atos.

Osborne trocou um olhar com as duas moças. Os três pensaram a

mesma coisa. Lou queria livrar-se deles fora da cidade. Entretanto, enquanto há vida há esperança e esse foi o pensamento de Osborne.

Obedecendo ao pistoleiro, saiu de casa. Da janela, protegido pelas vidraças, Lou o viu dirigir-se para a ferraria, atravessando a rua principal. Naquele momento um cavaleiro deteve-se em frente à casa do médico. Era Andrew Cummings. Virgínia reconheceu-o e fitou-o com surpresa. Lou também o viu.

O recém-chegado dirigiu-se para a porta da casa, mas vendo o doutor, foi ao seu encontro.

— Doutor Osborne...

Aturdido pelos últimos acontecimentos, o doutor não o ouviu.

— Doutor Osborne - repetiu o rapaz.

Então o médico voltou-se e fitou Cummings. Fitava-o como se não o visse. De repente reagiu e disse:

— Você é Cummings, não é?

— Sim, doutor.

— Que está fazendo aqui?

— Pediram um médico e... Bem, parece que vim substituí-lo, mas não creio que seja o mais indicado...

— Você veio substituir-me? Bem, desculpe, tenho muito que fazer agora. Suponho que se hospedará no hotel...

— Preferia instalar-me já em meu consultório.

— Não o esperava tão cedo. Pensara em oferecer-lhe meu escritório uma das peças da casa, mas você terá de esperar que tudo fique pronto.

— Oh, mas eu pensei que o senhor ia voltar...

— Não, eu ficarei aqui. Depois falaremos. Vá até o bar agora. Por

enquanto não posso atendê-lo.  
Entende?

Andrew Cumings franziu a testa. Não esperava uma acolhida muito cordial, mas aquela atitude de seu colega era muito descortês para um homem da educação de Osborne.

— Aconteceu alguma coisa, doutor? Posso ajudá-lo?

— Sim. Pode ajudar-me desaparecendo momentaneamente. Já lhe disse que estou ocupado.

Era um modo de afastá-lo para não comprometê-lo em sua mesma sorte. Andrew fitou-o enquanto Osborne se afastava, entrando na ferraria.

— Que terá acontecido com êle? - perguntou-se. Mas por fim, tomando aquilo como caduquice do velho médico, decidiu procurar alojamento no hotel.

Em Cleaftown acabava de chegar um novo personagem, vindo de Salem. Era um homem bastante conhecido e que antes de morte de Lemont gozara de toda a confiança do banqueiro. Era nem mais nem menos que Hale, o empregado mais antigo do banco. Deixou seu cavalo amarrado em frente ao Banco da localidade e perguntou onde poderia encontrar o seu proprietário. Informaram-lhe que o Senhor Richmond podia ser encontrado no bar. Hale dirigiu-se ao lugar indicado e pouco depois cumprimentava o banqueiro.

— Preciso falar-lhe de alguns assuntos referentes aos negócios do Senhor Lemont - disse. - Suponho que o senhor soube de sua morte.

— Sim - replicou o banqueiro -, li sobre isso no jornal. Tivemos sorte em

encontrar o assassino. Essa gente merece conhecer todo o rigor da lei.

— Depois de amanhã será executado. Eu pretendo assistir ao enforcamento. E' reconfortante saber que a lei vela pelas pessoas honradas. E agora, Senhor Richmond, se o momento lhe parece oportuno, temos de falar de negócios, de acordo com as instruções que o Senhor Lemont deixou.

— Fale, Hale, eu escuto.

Enquanto essa conversa iniciava-se no bar, o Doutor Osborne regressava com a carroça que lhe fora emprestada pelo ferreiro. Deixou-a na rua lateral, junto à entrada de serviço. Pouco depois...

\*\*\*

Com as primeiras sombras da noite, Lou Starkie pensou ter chegado o momento de sair de Cleaftown e livrar-se de suas vítimas. Assim, quando o médico regressou, advertiu:

— Agora sairão os três, um a um e bem depressa para que ninguém os veja. O senhor será o último, doutor. Primeiro as damas. Vá até o quarto do Ciryll e traga o seu corpo. Também o levaremos conosco.

Osborne foi obrigado a obedecer e subiu ao quarto do rapaz morto. Instantes depois, os quatro estavam instalados na carroça. O médico e sua sobrinha iam sentados na frente. Lou tomou todas as precauções.

Naquele momento, levado pela curiosidade, o Doutor Cummings deixava seu quarto no hotel.

## CAPÍTULO 9

Da janela do quarto, Andrew Cummings vira perfeitamente o Dr. Osborne conduzir a carroça até a parte lateral da casa, depois não o enxergara mais.

Continuava estranhando a atitude do velho médico, por isso decidiu dar uma olhada pelos arredores da casa. Ao aproximar-se, viu luz no segundo andar.

Antes de sair, o Doutor Osborne deixara acesa a luz do quarto de Ciryll. Ao ver aquela luz, Cummings deduziu que devia haver alguém na casa. Hesitou antes de bater, pois o Doutor Osborne pedira que não o perturbasse, mas por fim decidiu-se.

Bateu várias vezes, mas não obteve resposta. Por fim, deu de ombros e decidiu regressar ao hotel. Mas ao

chegar à esquina voltou-se, pois viu que alguém batia desesperadamente à porta da casa.

Esperou um momento, para ver se o recém-chegado teria mais sorte, mas isso não aconteceu. Vendo o desespero do homem, Cummings aproximou-se dele e perguntou: — Aconteceu alguma coisa, amigo?

— Procuro o Doutor Osborne. Minha mulher está muito mal. A estas horas êle costuma estar em casa. Se não está êle, está a sobrinha...

— Sua sobrinha? O senhor se refere a Virgínia?

— Sim.

Cummings não vira a jovem, mas conhecia-a perfeitamente. Quem não conhecia Virgínia Osborne, em Los Angeles? Sua impressionante beleza e sua elegância eram muito apreciadas.

— Bem, se o senhor deseja, posso examinar sua mulher. Sou médico e vim substituir o Doutor Osborne. Quando êle regressar, espero que me apresente a sua clientela.

— O senhor é médico? - perguntou o homem, mais esperançado.

— Sim. Não tão bom como o Doutor Osborne, mas creio que sirvo.

— Ainda bem - disse o homem. - Minha mulher precisa ser examinada agora. Não posso esperar o Doutor Osborne.

Cummings seguiu em companhia daquele homem até a sua casa e esqueceu momentaneamente o Doutor Osborne e suas atitudes estranhas.

Dez minutos depois que eles se afastaram o matraquear das rodas da velha carroça do vendedor ambulante, entrando na rua, atraiu todos os olhares.

A espalhafatosa carroça deteve-se bem em frente à casa de Osborne.

— Desatrele os cavalos - disse Bill ao valho. -A partir de agora teremos de andar muito depressa.

Enquanto o velho dispunha-se a obedecer suas ordens, Bill batia insistentemente na porta da casa do médico. O Comissário Carmody, que passava por ali naquele momento, perguntou:

— Que aconteceu, amigo?

— Olá? Onde está Osborne?

— Não sei. Não o vi, mas Sam disse que lhe emprestou uma carroça.

— Uma carroça?

— Sim.

— Hum...

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, que eu saiba, nada, mas é estranho não haver ninguém em casa.

E sem esperar resposta do comissário, voltou à carroça.

— Ainda não está pronto?

O velho resmungou algo ininteligível e apressou-se em concluir o trabalho. Pouco depois, utilizando apenas os cavalos para andar mais depressa, deixaram a carroça em frente à casa do doutor e empreenderam o caminho de Tucson.

Impelido por uma súbita intuição, Bill deixou por instantes o velho e voltou à casa de Osborne.

Não lhe passara inadvertida aquela luz que brilhava no segundo andar.

Deu uma volta ao redor da casa, recordando o que Carmody lhe dissera sobre a carroça alugada. Ali não havia nenhuma carroça, mas viam-se marcas de rodas e tais sulcos seguiam pelos fundos da rua principal.

Seguindo as marcas encontrou-se novamente com o velho. Por enquanto o caminho empreendido pela carroça coincidia com o deles.

— Aconteceu alguma coisa ao Doutor Osborne - disse ao chegar perto do velho. - Acho melhor seguirmos estas marcas.

— Não vamos mais a Tucson?

— Por enquanto o caminho é o mesmo. E tenho um especial interesse em saber para onde foi essa carroça.

Esporearam os cavalos e seguiram as marcas. A carroça não lhes levava grande vantagem, entretanto aquele curto período de tempo poderia ser fatal para os seus ocupantes.

\* \* \*

Lou Starkie ordenou ao doutor que diminuísse a marcha. Haviam chegado

a uma encosta rochosa, longe da estrada principal. O lugar era deserto e ideal para as intenções do criminoso.

Um a um, os ocupantes do carro desceram, sob a ameaça do revólver de Lou. Só o corpo de Ciryf ficou dentro da carreta. Lou pretendia livrar-se dele mais tarde.

— Ponham-se em fila, quero vê-los bem - ordenou o pistoleiro.

— Vai assassinar-nos a sangue-frio? - perguntou o doutor.

— Vocês são um perigo para mim e para meu chefe.

Ninguém disse nada. Sabiam que nada do que falassem poderia mudar a intenção do assassino. Quem poderia livrá-los daquela situação? Lou não queria perder tempo. Ergueu o revólver com firmeza e começou a engatilhá-lo para acabar de vez com os três.

— Espere um pouco... Você faz isto por dinheiro... - disse o Doutor Osborne. - Eu não daria um centavo pela minha vida. Sou muito velho e nunca implorei nada a ninguém, mas essas duas moças merecem viver. Eu lhe darei o que pedir se as deixar com vida.

—Para quê, doutor? O dinheiro não me livraria da forca. Sinto muito, mas as testemunhas incômodas não me agradam e estou com muita pressa.

## CAPÍTULO 10

Lou já se preparava para atirar quando soaram dois tiros. Os três condenados à morte tardaram alguns segundos em compreender que alguém viera em seu auxílio, mas quando perceberam, agiram sem demora.

— Ao solo! - gritou Osborne.

Procuraram a proteção de algumas rochas enquanto Lou, também surpreendido pelo atacante, corria para proteger-se, atirando contra o lugar de onde haviam partido os tiros. Momentaneamente salvo, reabasteceu o revólver e procurou o mesmo esconderijo do médico e das duas mulheres.

Um pouco mais abaixo, o homem que efetuara os tiros corria entre as rochas, procurando uma posição

melhor. Era Bill Kerrigan. Sua chegada não podia ter sido mais oportuna.

— Lou! - gritou de sua posição. - Você não conseguirá nada com isso. Tenho comigo a testemunha que deporá contra o seu chefe. Será melhor para você esquecer êsse caso.

— Miserável! - gritou o pistoleiro. E guiado pelo som, atirou várias vezes.

Tinha boa pontaria e suas balas passaram muito perto do lugar onde estava Bill. Este mudou de posição, enquanto, um pouco mais abaixo, o velho vendedor ambulante assistia à cena como um simples espectador.

Arrastando-se pelo solo e procurando não fazer ruído, Bill mudou outra vez de posição, enquanto seu inimigo fazia o mesmo, tentando aproximar-se do lugar onde acreditava estar Kerrigan.

Transcorreram alguns minutos de angustiada espera. Os dois homens, únicos protagonistas ativos daquele drama, procuravam-se na escuridão. Lou conseguiu por uma fração de segundos colocar-se por trás de Bill, mas este, intuindo o perigo, saltou com rapidez esquivando-se dos tiros. Depois voltou-se para atirar, mas Lou, também muito ágil, esquivou-se da trajetória das balas. Estavam novamente protegidos pelas rochas, a pouca distância um do outro.

O velho vendedor, que estava relativamente perto, pensou que aquela era uma boa ocasião para afastar-se da linha de fogo e retrocedeu para alcançar seu cavalo. Esse foi seu erro, pois Lou o viu e não hesitou em atirar. O velho levou as mãos às costas e agitou os braços no ar grotescamente, caindo de bruços.

Bill praguejou. Perdera a testemunha que tanto trabalho tivera para conseguir. Saiu de trás das rochas, ficando de peito descoberto em frente de Lou, que sem hesitar, apertou o gatilho.

Mas o tambor da arma estava vazio! Bill podia atirar livremente, mas não o fêz. Avançou para o pistoleiro com a dureza refletida no rosto.

Furioso, Lou atirou o revólver contra a cabeça de Bill, mas este esquivou-se com um movimento ágil. Compreendendo que nada poderia fazer contra Bill, o pistoleiro lançou-se contra êle. Bill eslava esperando por essa reação e deu um salto, esquivando-se. Lou caiu e não teve tempo de levantar-se, pois Bill lançou-se sobre êle e esmurrou-o com violência, dominando-o. — Não vou matá-lo, Lou... Merece a morte, mas

preciso de você como testemunha e vou levá-lo comigo.

Starkie levantou-se ofegante. Agarrou uma pedra e, com um movimento rápido, atirou-a contra Bill, que desprevenido por um instante, foi atingido na testa. Um fio de sangue brotou de sua fronte e ficou desorientado por um momento. Lou aproveitou a ocasião para saltar sobre êle com fúria.

Bill caiu, impelido para trás, mas com um esforço enorme conseguiu recuperar-se e lançou-se ao ataque. Sua força era fora do comum e era muito resistente para aquela espécie de lutas. Lou foi açoitado por uma série de golpes que vinham de todas as direções. Caía de um lado para o outro, como um boneco, à mercê de seu adversário. Já não conseguia revidar. Por fim caiu, com o rosto inchado pelos

golpes. Estava convertido num farrapo humano.

## CAPITULO 18

O Doutor Osborne certificou-se da morte do velho vendedor ambulante.

— Os tiros atravessaram-lhe o coração. Sinto muito, Bill.

Osborne já conhecia a história de Pat, compreendia o valor que teria aquela testemunha e lamentava não poder fazer nada por ela.

— Deve haver algum meio. Conheço o culpado e êle terá de responder muitas perguntas. Espero que o Juiz Harper nos ouça e conceda um prazo - disse Kerrigan. E apontando para o corpo desfalecido de Lou Starkie, acrescentou: - Este homem também terá de declarar. Anime-se, Mona, salvaremos, Pat.

— Obrigada por tudo o que está fazendo, Bill. Acho que o julguei mal.

— Todos nós costumamos enganar-nos às vezes. Agora voltem a Cleaftwon. Eu preciso ver o Juiz Harper. E' a única pessoa que pode suspender a execução.

Mona ainda perguntou:

— Quem é o assassino, Bill? Diga-me o seu nome. Bill hesitou.

— Por enquanto quanto menos vocês saibam, melhor. Quando o assassino compreender que estamos nos aproximando da verdade, se defenderá com unhas e dentes. Vocês já correram muitos riscos. E' melhor que não saibam mais nada.

Bill não se enganava, pois o culpado, estranhando a demora de Starkie e Kerrigan, mandara mais homens à sua procura.

Eram três ao todo. Três assassinos profissionais, com a missão de acabar com todos os que pudessem significar

perigo para a sua segurança. A segurança de um assassino que se escondia sob uma capa de honorabilidade.

\* \* \*

Hale despedia-se do banqueiro Richmond em frente ao bar.

— Foi um prazer falar-lhe e será uma satisfação para mim poder continuar com os negócios pendentes do Senhor Lemont - disse Richmond.

— O prazer é todo meu - replicou Hale. - O Senhor Lemont confiou em mim ao deixar-me à frente de todos os seus negócios e eu procurarei agir de acordo com a sua vontade final.

Interrompeu-se ao ver aparecer uma carruagem conduzindo alguém que, apesar da escuridão, logo reconheceu.

— Mona Sheridan... Desde quando esta moça está aqui?

Richmond deu de ombros.

— Não sei. E' a primeira vez que a vejo. Deve ser uma forasteira.

Hale ficou pensativo. Depois apertou uma vez mais a mão de Richmond e foi em busca de seu cavalo, acrescentando:

— Regressarei esta mesma noite a Salem. Agora sou um homem muito ocupado e não posso perder tempo.

\* \* \*

Mais ou menos a meia-noite Hale estava de volta em Salem. O cabaré estava muito animado. Mark Paxton sorriu ao vê-lo entrar e dirigir-se à sua mesa. O fazendeiro jogava uma animada partida de pôquer com seus amigos. O xerife, sentado ali perto, observava o jogo.

— Sabem quem vi em Cleaftown? - perguntou Hale.

Antes que alguém pudesse responder, acrescentou:

— Mona Sheridan. Eu me pergunto o que estará ela fazendo em Cleaftown... Lá não há cabaré...

O xerife apressou-se a perguntar:

— E Siryl? Você não o viu? Parece que os dois partiram juntos. Ciryl desejava salvar Pat. Eu não estranharia que tivessem ido em busca de alguém.

Sem deixar de olhar para as suas cartas, Mark Paxton perguntou:

— O senhor acha que eles pretendem contratar alguém para salvar Pat?

— Não sei. Mas isso tudo é muito estranho... -murmurou o xerife.

— Não se preocupe, xerife - disse Hale, sorrindo. — A execução será

amanhã cedo. Não creio que ninguém possa salvar esse assassino.

— Esta noite ninguém quer se deitar - disse um dos fazendeiros que jogavam.

— Para não dormir demais e chegar tarde ao espetáculo... - disse outro, rindo.

— A que horas é a execução? - perguntou Paxton.

— Às quinze para as seis - respondeu o xerife.

Entre as grades, esperando a morte, um inocente aguardava. A cada minuto que transcorria, via esfumarem-se suas possibilidades de salvação. Mona lhe prometera:

— Lutarei até o fim, meu amor. Quero salvá-lo. Confie em mim.

Pat sabia que não podia ter muitas esperanças. Sabia que ela e Cyril

havam saído em busca de uma testemunha, mas não sabia se chegariam a tempo. Não tinha grandes esperanças, na realidade, não tinha esperança alguma. Dispunha de cinco horas de vida. Suas últimas cinco horas...

\* \* \*

Bill chegara a Tucson. Trazia consigo, bem amarrado, Lou Starkie, que recuperara os sentidos durante a viagem. Ao chegar, a primeira coisa que fez foi dirigir-se à casa do Juiz. Ali foi informado de que este não estava na cidade. Saíra de viagem para presidir outros julgamentos. — Quando voltará? - perguntou Bill.

Ninguém soube informá-lo. Naquele momento faltavam cinco horas para a execução de Pat Morrison.

## CAPITULO 19

Mas as dificuldades mal haviam começado para Bill. Ao levar seu prisioneiro à delegacia, o xerife perguntou:

— Este homem está sendo procurado pela justiça?

— Não. Mas depois que o juiz o interrogar o senhor pode estar certo que lhe recomendará uma boa temporada de descanso atrás das grades.

— Bem, se êle não está sendo reclamado pela justiça, não é normal que... - começou a dizer o xerife.

— Este homem é um criminoso, xerife - interrompeu Bill. - Eu necessito dele como testemunha contra certa pessoa que anda por aí livre, enquanto esta madrugada outra pagará pelo seu

crime, se não conseguir encontrar o Juiz Harper.

— O juiz não está na cidade - replicou o xerife, confirmando o que Bill já sabia.

— O juiz deve ter algum substituto, xerife, alguém que consiga adiar uma execução.

— Neste momento não há outra autoridade em Tucson além do Juiz Harper.

— Mas é um caso urgente. Um homem inocente vai morrer. O senhor é o xerife do condado. Não tem autoridade para tanto?

— Não. Isso corresponde somente ao juiz e aos agentes do governo! O senhor teria de ir a Phoenix.

— Quando chegasse à capital, Pat Morrison já estaria morto, pagando por um crime que não cometeu.

O xerife atirou o chapéu para trás e sacudiu a cabeça em sentido negativo.

— E' difícil... Mas o senhor pode estar enganado. Ouvi falar nesse Morrison, dizem que é um desordeiro.

— Um desordeiro não é um assassino.

— Bem, amigo, eu não posso fazer nada. Se o senhor diz que esse homem pode testemunhar a favor de Morrison, leve-o a Salem. O xerife de lá terá atribuições para suspender, sob sua responsabilidade, a execução. Eu darei recado ao juiz para que vá até lá quando regressar.

Bill concordou:

— Está bem. Voltarei a Salem, mas não sei o que poderá acontecer...

Ao chegar a Salem estaria só e o verdadeiro assassino trataria de impedir que Morrison fosse salvo.

Não lhe convinha a revisão do processo. O que lhe interessava era o cumprimento da sentença. Assim poderia continuar impune.

Mesmo assim, Bill decidiu voltar a Salem levando consigo Lou. Não tinha muitas esperanças, mas era preciso tentar. Se partisse logo, chegaria a Salem a tempo de tentar convencer o xerife a suspender a execução, mas para isso tinha de andar depressa.

Na metade do caminho algo o deteve. Soaram vários tiros.

Instintivamente, Bill Kerrigan atirou-se ao chão, levando consigo o rifle. Seus assaltantes eram quatro. Era uma luta desigual e mesmo que conseguisse sair vitorioso, não chegaria a tempo em Salem. Murmurou consigo:

— Por que me meti nisto?

As balas de seus adversários passavam muito perto. Calculou as posições dos inimigos invisíveis.

— Um está à minha direita, atrás daquela rocha. Novo disparo deu-lhe a posição de outro de seus atacantes.

— O segundo está muito perto do outro. Esconde-se por trás daqueles arbustos.

Tinha um terceiro à sua frente, sob um grosso tronco de árvore caído, possivelmente arrancado por raio durante alguma tempestade.

O quarto estava completamente à esquerda e suas balas podiam ser as mais perigosas, porque chegavam de um lugar do qual Bill não podia resguardar-se.

— Tenho que arranjar outro esconderijo. Procurou com o olhar, mas não encontrou nenhum outro lugar apropriado.

— Se tentar sair, eles me crivarão de balas. Calculou que já perdera cinco preciosos minutos. Cinco minutos que poderiam ser fatais para a vida daquele inocente que esperava o momento final.

Rastejando pelo chão, retrocedeu. Olhou para o cavalo onde Lou continuava amarrado, fazendo visíveis esforços para soltar-se. Uma rajada de balas procurou novamente o seu corpo. Quando os tiros cessaram, pensou:

— Com certeza estão reabastecendo os revólveres.

Era a sua oportunidade. Tomou impulso e saltou àgilmente para uma vala que providencialmente descobrira ali perto. De sua nova trincheira fêz pontaria com o rifle e atirou contra um dos pontos de onde vinha o ataque. A bala assobiou perto de seu adversário, mas não atingiu o alvo. A réplica foi outra rajada, vinda de todos os lados.

— Eles não têm pressa. Por enquanto lhe basta distrair-me e imobilizar-me aqui.

E assim se passavam os minutos. Dez, quinze, vinte... Meia hora. Meia hora que seria decisiva para a vida do condenado. Que podia fazer? Como sair daquela armadilha?

\* \* \*

A resposta chegou quando menos esperava. Bill ouviu um tiro e um súbito grito de agonia, ferindo o silêncio.

Um de seus atacantes fora atingido por um tiro inesperado. Alguém viera em seu auxílio. Bill não podia adivinhar quem era o autor de tão oportuna intervenção, mas ganhava novo ânimo com a ajuda.

A luta agora tomava novas proporções. Seu inesperado auxiliar atirava do lado oposto, atingindo seus inimigos pelas costas e estes viam-se obrigados a procurar um lugar melhor para esconder-se.

Bill aproveitou a breve confusão para saltar para o bosque próximo. Queria fazê-lo há algum tempo, pois ali ficaria mais protegido, mas o fogo de seus adversários o impedia.

Depois de esconder-se por trás de alguns arbustos, Bill viu à fraca luz da lua uma silhueta que se movia entre as rochas. Atirou sem hesitar e seu tiro atingiu o alvo, pois o homem largou a arma e caiu para a frente, de um altura de cinco metros.

Só restavam agora dois. As coisas haviam ficado muito mais fáceis depois da chegada daquele novo personagem, que nivelara as forças.

Bill tentou localizar os dois bandidos sobreviventes e logo compreendeu que haviam se refugiado em lugares mais seguros. Estava pensando no que devia fazer para apanhá-los, quando ouviu alguém gritar:

— Ei, Bill! Saia daí que eu o cubro! Não se preocupe.

Bill logo reconheceu aquela voz. Era Andrew Cummings, seu antigo colega e amigo. Viera em seu auxílio. Andrew sempre gostara de uma boa briga... Mas, como soubera?

Bem, aquele não era o momento mais indicado para fazer perguntas e Bill tratou de entrar em ação. Andrew estava atirando para cobri-lo e não devia perder tempo. A vida de um homem dependia dele e não se perdoaria nunca se não conseguisse salvá-lo.

Portanto saltou para a frente sem hesitar e, atirando por sua vez, correu para as rochas, detendo-se a pouca distância de seus adversários. Dali seria muito mais fácil atingi-los e Bill preparou-se para atirar.

Um dos atacantes disparou naquele momento e a bala passou roçando pelo braço de Bill, mas este, guiado pelo clarão do tiro, replicou e o atacante caiu para trás com um grito agudo. Só restava agora um!

Tentava localizar o último atacante, quando ouviu Andrew gritar:

— Está ali, detrás daqueles arbustos, Bill!

Bill saltou para o lado e apontando rapidamente, atirou em direção ao ponto Indicado por Cummings. Sua pontaria era ótima e atingiu novamente o alvo. Teve certeza disso ao ouvir o grito de dor do pistoleiro.

Após breve silêncio, Andrew Cummings saiu de seu esconderijo. Sorria satisfeito por ver que sua intervenção obtivera êxito.

O caminho estava livre agora, mas haveria ainda possibilidade de chegar a tempo de impedir a execução?

## CAPÍTULO 11

— Desde minha chegada a Cleaftown aconteceram coisas muito estranhas - explicou o médico, narrando ao amigo tudo o que acontecera desde que fora pela primeira vez à casa do Doutor Osborne.

Depois concluiu:

— Afinal, depois de muitas dificuldades consegui falar com o Doutor Osborne e por isso o segui. Êle me pediu desculpas por seu comportamento anterior, ao qual foi obrigado pelas circunstâncias, e depois me contou tudo.

— E você resolveu seguir-me?

— Quando soube que você ia para Tucson não pude resistir à tentação. No fundo, sou igual a você. Gosto de aventuras. Não podia esquecer os velhos tempos. Depois... bem, tinha

motivos para suspeitar que você encontraria dificuldades.

— Que motivos?

— Ao chegar a Cleaftown tive oportunidade de atender ao meu primeiro cliente. Um homem batia desesperadamente à porta da casa de Osborne e eu perguntei se podia fazer alguma coisa por éle. Respondeu-me que queria falar com o doutor, pois sua mulher estava muito doente. Ofereci-me para atendê-la, em vista da ausência do doutor Osborne. Na realidade tratava-se de uma pneumonia, que felizmente consegui deter a tempo, mas isso não interessa agora... O importante é que, quando lavava as mãos para sair, um homem entrou na casa. Eu estava na peça ao lado e ouvi perfeitamente a conversa entre éle o dono da casa.

— Que disseram eles?

— O recém-chegado disse:

— Acabo de ver Mona Sheridan no povoado...

— Quem é Mona Sheridan? - perguntou o dono da casa. - Nunca ouvi falar nela...

— O outro retrucou:

— Mona Sheridan é uma mulher que pode se tornar muito perigosa para nós. Avise aos rapazes para que procurem Lou Starkie e Bill Kerrigan.

Cummings repetiu:

— Bill Kerrigan, compreende? Foi ao ouvir o seu nome que percebi tudo. As coisas não iam nada bem para você. Depois, unindo o pouco que você me contara com o pouco que consegui saber em casa de Osborne, fiz minhas deduções e apressei-me em sair à sua procura.

— E chegou muito oportunamente - observou Bill, sorrindo.

Era agradável saber que podia contar com um amigo leal como Andrew Cummings.

— Vi esses sujeitos no caminho. Eles emboscaram-se, esperando alguém. Você me levava muita vantagem e eu pensei: "Andrew, esse é o caminho de Tucson, aposto que estes homens estão esperando meu amigo Bill. Como vê, não me enganei.

Bill sorriu.

— Bem, agora tenho de ir. Os minutos voam e um homem inocente pode morrer se eu não chegar a tempo. Talvez precise mais tarde desse sujeito em cuja casa você esteve. Como é mesmo o nome dele?

— Spencer. Mora numa casa muito bonita. Parece que é um próspero comerciante, em Cleaftow.

— E o homem que veio vê-lo? Você ouviu seu nome?

— Oh, sim, êle se chamava...

Não pode concluir a frase. Um ruído delator pôs os dois amigos em guarda. Lou Starkle conseguira agarrar a faca que sempre trazia escondida dentro do cano da bota. Era sua arma secreta para os momentos mais difíceis e nunca lhe falhara.

Lançou-a com força na direção dos dois rapazes. Bill empurrou rapidamente Andrew e atirou-se ao chão ao mesmo tempo. Logo a seguir saltou sobre o pistoleiro e deixou-o novamente fora de combate com dois murros. Depois voltou-se para Cummins e pediu:

— Agora diga-me quem era o outro homem.

— Ah, sim. Eu me lembro bem. Seu nome era Paxton.

— Paxton! - exclamou Bill. - Eu já sabia... Foi esse o homem que nos

contratou como guarda-costas. E' o verdadeiro assassino do banqueiro Lemont. Mas não sei como fazer para provar isso ao xerife de Salem...

Dizendo isso Bill montou em seu cavalo e esporeou-o. Atrás dele, amarrado ao seu, vinha o cavalo de Lou Starkie conduzindo seu dono, que perdera os sentidos.

\*\*\*

Em Salem o xerife dirigiu-se aos seus dois ajudantes.

— Podem trazer o preso, rapazes. Está quase na hora da execução.

O sol começava a nascer e havia uma animação fora do comum na pequena praça do lugar. Todo o povoado se reunira ali para assistir à morte de Pat Morrison. Os comentários

ferviam, enquanto se esperava o momento da execução.

Acompanhado de seus dois ajudantes, o xerife encaminhou-se para a cela do condenado. Após breve silêncio, murmurou:

— Sinto muito, Pat. Chegou a hora.

Pat fitou os três homens e baixou a cabeça, seguindo-os.

Já não tinha mais esperanças de salvação. Não tivera mais notícias de Mona e Ciry1 e dava tudo por perdido. Ninguém se interessava por sua sorte e não escaparia daquela morte injusta.

Caminhando entre os dois comissários precedidos pelo xerife, Pat Morrison não conseguia resignar-se. Não tinha medo de morrer, mas gostaria de ver Mona pela última vez. Nunca mais tivera notícias dela e não sabia porque desaparecera.

Na praça continuavam os murmúrios, cada vez mais intensos. Uma pequena multidão cercava o cadafalso, ansiosa por ver a execução, coisa não muito comum em um lugar tranqüilo como Salem.

O cadafalso, recém-construído, elevava-se no centro da praça. O alçapão que devia abrir-se sob os pés do réu fora comprovado diversas vezes e funcionava perfeitamente.

Enquanto isso se passava em Salem, Bill Kerrigan cavalgava às pressas, procurando chegar a tempo. Se não fosse obrigado a arrastar atrás de si o cavalo de Lou Starkie com seu dono desmaiado às costas, chegaria mais depressa, mas não podia deixar Lou, que lhe serviria como importante testemunha.

Pat Morrison, o xerife e seus dois ajudantes encaminhavam-se para a

praça. Não era muito grande a distância que a separava da delegacia, mas os homens caminhavam lentamente, como se não tivessem pressa nenhuma de chegar.

Na praça os murmúrios aumentavam. Todos faziam comentários sobre o assassinato e a esmagadora maioria acreditava plenamente na culpa de Morrison. Não havia como duvidar, ele fora visto por muita gente com o revólver na mão, parado à porta do Banco, logo depois do crime. Entretanto, o verdadeiro assassino estava ali, entre eles e disso ninguém suspeitava. De repente, os murmúrios começaram a diminuir e cessaram de todo. O réu acabava de aparecer, em meio aos representantes da lei. Atrás deles vinha o xerife. A comitiva seguiu seu caminho, rodeada de uma fileira dupla de pessoas, que

observavam em silêncio os últimos minutos de vida de Pat. Cinquenta metros apenas o separavam da escada que conduzia à plataforma da morte...

\* \* \*

Bill aproximava-se rapidamente de Salem, mas pressentia que sua chegada ocorreria tarde demais, por questão de minutos. Fizera o humanamente possível. Calculou que se prosseguisse naquela marcha desenfreada, chegaria dentro de cinco minutos. Andaria mais depressa se não tivesse de arrastar atrás de si outro cavalo, mas...

A marcha em direção à plataforma da morte se realizava lentamente. Ninguém tinha pressa, talvez o condenado fosse o único a desejar que

aquilo acabasse logo de uma vez. Para que prolongar a sua agonia?

— Quatro minutos - calculou Bill em sua louca corrida. - Quatro minutos só. - Inclinado sobre o pescoço do cavalo corria sem cessar. Enquanto isso, Pat Morrison subia lentamente os degraus do cadafalso.

## CAPÍTULO 12

Bill já entrara na rua principal. Os cascos de seu cavalo soavam no silêncio expectante que antecedia o momento da execução. O xerife já perguntara ao condenado se queria dizer alguma coisa e Pat Morrison limitou-se a retrucar:

— Eu não matei o banqueiro Lemont. Estou inocente. Isto será um assassinato.

Quando êle acabou de falar os comissários passaram a corda em torno do seu pescoço e puxaram-na para que o nó ficasse bem firme. Depois fizeram-no andar até o alçapão. Os cascos do cavalo de Bill ressoavam mais perto, mas todos estavam atentos à execução. O silêncio era maior agora. Chegara o fim para Pat Morrison.

— Não! - gritou Bill Kerrigan, dando dois tiros para cima.

Todos os olhares se voltaram para o recém-chegado .

— Que aconteceu? - perguntou o xerife. - O senhor está interferindo no cumprimento da justiça.

— Esse homem é inocente, xerife. O culpado está aqui, entre os espectadores da execução. Lou Starkie pode apontá-lo. Eu também. Ele nos pagou para assassinarmona Mona Sheridan e Ciryyl.

— Pode provar o que está dizendo? - perguntou o xerife, fitando-o muito sério.

A multidão rodeou o recém-chegado.

— Pergunte a Lou, xerife. Eu não sabia de nada. Ignorava inclusive que o chefe estivesse envolvido na morte de Lemont. Só fiquei sabendo de tudo

quando ordenou que eliminássemos duas pessoas que haviam saído em busca de uma testemunha.

— Explique-se.

— O verdadeiro assassino do banqueiro Lemont está entre os senhores. Sei que será difícil fazê-los acreditar, mas é a verdade.

— Diga o seu nome! - gritaram algumas vozes. Bill percorreu a multidão com o olhar, procurando Mark Paxton. Ao vê-lo disse:

— Aí o tem. É Mark Paxton.

— Não!

— Não pode ser! - Isso é um absurdo!

— Paxton não teria motivos para matar o Senhor Lemont!

Os comentários eram exaltados.

— O senhor sustenta o que diz? - perguntou o xerife.

— Sim. E' preciso suspender a execução. O Juiz Harper não pôde dar a ordem porque não está em Tucson, mas o processo tem de ser revisto.

Bill desamarrou Lou e obrigou-o a caminhar até o xerife.

— Negue, se é capaz, o nome do homem que o mandou assassinar Mona Sheridan e Círyl.

— Não sei do que está falando - murmurou Lou.

O xerife interveio:

— Tudo isto é improcedente. Não se pode deter a ação da justiça sem provas concretas.

— Existe uma testemunha, xerife - replicou Bill, ante a expectativa de todos.

— Que testemunha?

— O vendedor ambulante. Êle estava perto do Banco quando se deram os disparos. Viu o assassino.

Não somente o viu como sabe o seu nome. Viu-o sair do Banco depois que levaram Pat.

— Onde está esse homem?

— Suspenda a execução que eu o trarei.

Lou Starkie caiu na armadilha.

— Isso não é verdade. O velho já não pode falar porque está morto.

Fêz-se silêncio novamente. O xerife compreendeu.

— Como sabe que êle está morto? - perguntou. Lou também compreendeu seu erro e silenciou.

— Responda! - exclamou o xerife.

— Êle não responderá - replicou Bill Kerrigan, sorrindo. - Teria de confessar que é o assassino.

Lou fitou-o com ódio. Mark Paxton interveio.

— Meu nome e minha honestidade estão sendo postos à prova e exijo que

tudo seja esclarecido. Creio que tenho esse direito.

Todos silenciaram, atentos à palavra do importante fazendeiro e homem de negócios. Paxton prosseguiu:

— Sou o maior interessado em solicitar o adiamento da execução de Pat Morrison. Deste modo, além de dar-lhe mais uma oportunidade de se defender, veremos o que se esconde no fundo desse plano urdido para me desprestigiar. Não tenho nada a ocultar. Não me importa em absoluto que investiguem a fundo minha vida. Assim ficará provado que sou a mesma pessoa respeitável de sempre e que Morrison é na verdade o assassino.

Um murmúrio de aprovação seguiu-se às palavras de Paxton. Após breve hesitação, o xerife disse:

— Fazendo uso de minhas atribuições como xerife de Salem, adio a execução do condenado até esclarecer as dúvidas surgidas no momento. O Juiz Harper será notificado para que tome as providências necessárias.

Um murmúrio percorreu a praça. Um dos comissários adiantou-se para tirar a corda do pescoço de Pat, que se sentiu invadido por uma nova esperança. Mas o verdadeiro assassino ainda tinha um trunfo. Um trunfo muito forte e talvez decisivo.

## CAPÍTULO 13

Lou Starkie fora interrogado várias vezes pelo xerife, mas sem nenhum resultado. Negara-se a responder às perguntas. Obstinava-se em afirmar:

— Bill Kerrigan obrigou-me a vir até aqui para acusar o Senhor Paxton. Eu não conheço esse homem e ninguém me mandou assassinar Mona Sheridan a Ciryil. E' tudo uma farsa para salvar o verdadeiro assassino da forca.

E não conseguiram fazê-lo falar mais. Bill relatou ao xerife tudo o que acontecera desde o dia em que saíra de Salem, quando Lou lhe comunicara que tinham um serviço a fazer.

— Quando soube a verdade, não hesitei um segundo em ficar do lado de Mona Sheridan e do rapaz. Eu mesmo

encontrei o vendedor ambulante, mas Lou o matou.

— Tudo isto está muito confuso, Kerrigan - disse o xerife. - Não sei o que dirá o juiz, mas...

— Ainda não terminei, xerife. Em Cleaftown há mais testemunhas. O Doutor Osborne, um médico respeitável e sua sobrinha Virgínia. Eles estiveram sob ameaça de Lou, que pretendia assassiná-los. Há também o Doutor Andrew Cummings. Ele viu quatro homens saírem ao meu encontro, quando regressava de Tucson,

— Quem eram esses homens?

— Não sei. Nunca os vira antes, mas devem ser conhecidos em Cleaftown. Paxton tem amigos em toda parte, está bem organizado e esteve em Cleaftown ontem à tarde. Isto também pode ser provado. O Doutor Cummings testemunhará. Ouviu-o dar ordens a

um tal Spencer para que mandasse matar-me.

— Por que queria matá-lo?

— Bem, êle dera ordens para que assassinássemos Mona Sheridan e o rapaz. Vendo que demorávamos muito, decidi ir a Cleaftown para ver o que estava acontecendo. Ao ver a moça viva, suspeitou que algo ia mal e fêz investigações. Depois, mandou aqueles quatro homens contra mim, para eliminar uma testemunha. Estava muito interessado em que se consumasse a execução e tudo fosse esquecido. Assim ficaria impune.

— Não compreendo... Paxton é um homem tão rico...

— Talvez encontremos algo errado, se examinarmos os documentos do Banco.

— Chamarei Hale. Quero estudar todas as possibilidades, para que não existam dúvidas.

— Sim, xerife, mas se não encontrar nada comprometedor, lembre-se de que Paxton pode tê-lo roubado na noite do crime.

— Esquece que o documento chamuscado pertencia a Pat Morrison?

— Não, não esqueço. Paxton é esperto. Sabia que Morrison discutira com o banqueiro que o ameaçara. Então viu uma ótima ocasião para livrar-se dele, pondo-lhe a culpa do crime.

— Bem. Não se comete um crime sem motivo. Vou falar com Hale.

Ao ficar só, Bill encaminhou-se para o hotel. Na rua todos o observavam com curiosidade. Ao chegar ao bar do hotel encontrou Paxton, que o esperava.

— Posso falar-lhe a sós por um momento?

— Está querendo fazer-me mudar de opinião, Paxton? Caiu numa armadilha e não sabe como se livrar dela, não é?

— E' menos esperto do que eu supunha, Kerrigan. Se tivesse algo dentro dessa cabeça compreenderia que cometeu uma loucura. Uma loucura que talvez seja irreparável.

Bill subiu as escadas que conduziam ao primeiro andar. Ali, na segunda porta à direita, ficava o seu quarto. Deu volta à chave e entrou, seguido pelo fazendeiro.

— Fale de uma vez, Paxton - disse depois de fechar a porta. - Diga porque me enganei.

— Em primeiro lugar seria muito difícil provar que eu estive em Cleaftown.

— Acha mesmo?

Paxton sorria com ar de triunfo.

— Tive de improvisar muitas coisas e mudar os planos várias vezes por causa de sua intervenção, Kerrigan. Não espere portanto nenhuma consideração de minha parte.

— Fale claro.

— Se eu caísse, muitos cairiam comigo e por essa razão estão interessados em me proteger.

— Agora começa a falar mais claro. Não proclama mais a sua inocência...

— Com você não, Kerrigan, porque de nada lhe servirá o que vai saber.

Antes que Paxton mostrasse o seu jogo, Bill Kerrigan adivinhou quais seriam as suas cartas.

## CAPITULO 23

— Meus amigos de Cleaftown se encarregarão de tudo, Kerrigan. Se você não deixar imediatamente este caso, despeça-se para sempre do Doutor Osborne, de sua bela sobrinha e de todos os seus conhecidos.

— Eu devia ter previsto isso - disse Bill, compreendendo que caíra numa verdadeira armadilha.

Paxtou o coagia a deixar o caso. Se se obstinasse a chegar até o fim, os outros pagariam as conseqüências.

Seria preciso abandonar Pat Morrison à sua sorte para salvar a vida de Osborne, Virgínia e Mona Sheridan.

O fazendeiro continuou: \_\_ Não é muito provável que sua palavra pese mais do que a minha, mas se insistir em continuar com esse caso, acabará

ficando sem testemunhas, porque todas elas morrerão.

Após longa pausa, concluiu:

— Escolha entre a vida de Morrison ou a de seus amigos... E não esqueça que podem sair muitos mais. Inclusive você. Lou Starkie não o perdoou.

— Algum dia me encontrarei com Lou e então acertaremos as contas. Eu o matarei e o mesmo faria com o senhor, sem sentir o menor remorso. Acabar com gente como vocês é um grande favor prestado à humanidade.

Paxton sorriu com ironia e replicou:

— Deixe de conversa e pense bem no que lhe disse. Você tem dois caminhos a escolher: desaparecer, dizendo a todos que abandona o caso, ou dizer abertamente que se enganou... Invente qualquer desculpa. Só assim livrará seus amigos de Cleaftown do

que os espera. Caso contrário, antes da meia-noite, meus amigos agirão.

Bill tirou o fumo do bôlso e começou a enrolar calmamente um cigarro. Raramente fumava, só em ocasiões muito especiais, quando precisava decidir algo importante. E era muito importante o que pensava naquele momento.

Quando terminou, agarrou um fósforo e acendeu-o na sola da bota. Depois começou a fumar em silêncio.

— Então, que responde? - perguntou Paxton. Bill apagou o cigarro e retrucou com desânimo.

— Você ganhou, Paxton.

E com um gesto rápido e inesperado, lançou-se sobre o fazendeiro. Antes que Paxton tivesse de reagir, atingiu-o com um murro no estômago e logo a seguir aplicou-lhe

um terrível gancho de esquerda no queixo.

Paxton saltou pára trás, como um fardo. Com muito esforço tentou levantar-se e Bill o ajudou, mas só para castigá-lo com outra série de golpes, que o deixaram completamente aturdido.

Depois, puxando o revólver, Bill encostou-o na testa de Paxton e disse:

— Olhe bem para o cano desse revólver Paxton. Olhe bem, porque será a última coisa que verá em sua vida.

— Ei! Você enlouqueceu?

— Não. Pago-lhe na mesma moeda. Vamos! Que diz agora? Que espera ganhar com a morte de meus amigos, se já não estará neste mundo para gozá-la?

— Você não terá coragem de atirar. Seria um assassinato. Eles o enforcariam.

— Primeiro teriam de me agarrar, Paxton. E eu não sou nenhum idiota.

Bill engatilhou o revólver. Paxton já não sentia a dor dos golpes que acabava de receber. Suava copiosamente e não tirava os olhos do cano do revólver.

— Não... Não atire.

— Assine então uma confissão. Uma confissão completa, Paxton.

— Se o fizesse, seria como colocar a corda em meu próprio pescoço.

— Mas pelo menos teria uma oportunidade, a de fugir. Se não o fizer, juro que atirarei agora mesmo. Dou-lhe meio minuto, nem um segundo mais.

As palavras de Bill eram firmes. Paxton não podia saber se aquilo não passava de um truque para assustá-lo. Via-o decidido e sentia o transcorrer dos segundos, que escapavam velozes.

— Adeus, Paxton. Se não existe outra forma de fazê-lo pagar pelo seu crime...

Bill ia apertar o gatilho.

— Não. Eu assinarei. Assinarei o que você desejar... Só lhe peço que me dê tempo para fugir. Algumas horas.

Bill afastou o revólver da cabeça de Paxton. Naquele momento a porta do quarto abriu-se e apareceram o xerife e os comissários.

— Bom trabalho, Kerigan. Ouvimos toda a conversa. Tenho duas testemunhas. Espero que isso seja suficiente para o juiz - disse o xerife.

— Era uma cilada! - exclamou Paxton.

— Não. Não era uma cilada, mas Hale, apesar de não ser muito explícito, disse que o senhor estivera em Cleaftown e isso era muito significativo. Pelo menos, concordava com as

palavras de Kerrigan. Nós o procuramos para esclarecer alguns pontos e alguém nos disse que o vira subir com Kerrigan até o seu quarto. Quando íamos bate, ouvimos o que falavam e achamos melhor escutar. Como vê, o senhor mesmo condenou-se - disse o xerife.

Num desesperado esforço para fugir, Paxton correu para a porta.

— Deixe-me passar!

Já estava no corredor e empunhava um rifle com mão segura. O xerife e os comissários retrocederam. Naquele momento, ouviu-se a voz de Lou:

— Soltem as armas. Depressa!

O representante da lei hesitou.

— Está cometendo uma loucura, Starkie.

— Morrerão se não me obedecerem. Não hesitarei em atirar. Vamos, soltem as armas!

Bill adiantou-se:

— Façam o que êle diz. E' a mim que êle quer. E levantando a voz, disse:

— Vou sair agora, Lou. Sei que é isso que você deseja.

— Sim, Bill. Você não escapará agora.

O xerife e seus ajudantes soltaram as armas. Lou era muito perigoso e não hesitaria em atirar.

— Já pode sair, Bill Kerrigan.

— Está armado com um rifle, não é, Starkie? — perguntou o xerife.

A resposta de Starkie não se fêz esperar:

— Sim, mas para acabar com Bill Kerrigan basta-me o revólver.

Naquele momento ouviu-se o ruído de algo muito pesada caindo contra as tábuas do cascalho.

— Êle saltou o rifle - disse o xerife, olhando para o seu revólver e os de

seus ajudantes, que estavam caídos no corredor e já não podiam ser alcançados.

Bill caminhou, as mãos ligeiramente arqueadas em direção aos revólveres. No fundo do corredor estava Lou Starkie, em idêntica posição.

Seu rosto inexpressivo iluminou-se de relance, com um sorriso frio. Seguiram-se alguns segundos de tensão. Lou parecia estar absolutamente certo de sua superioridade sobre Bill.

Sem ceder um palmo e sem avançar, a uma distância de sete metros, os dois homens observavam-se.

— Adeus Bill - disse Lou, enquanto suas mãos deslizavam com a velocidade de um raio para os coldres.

Soou um tiro. Um só. Vários segundos depois, em meio ao cheiro acre da pólvora, os espectadores

daquele singular duelo compreenderam que Bill Kerigan já tinha o revólver na mão antes que Lou Starkie sacasse.

Paxton, que ficara atento à cena, confiante na superioridade de seu guarda-costas, tentou fugir, mas os representantes da lei o detiveram.

Ali terminara praticamente a sua estória. Mas, o que aconteceria em Cleaftown?

## CAPITULO 24

Carmody entrou em ação. Tudo foi resolvido de forma discreta, sem despertar atenção. Os homens do xerife dirigiram-se ao povoado vizinho e ali, com a ajuda de Hale, foram efetuadas várias detenções.

Spencer e outros homens que trabalhavam para Paxton foram presos. Hale confessou pouco mais tarde:

— Comecei a desconfiar de certas negociatas de Paxton depois da morte do Senhor Lemonte. Mas não tinha provas. Notei a falta de vários documentos, que, apesar de sua confiança em mim, o Senhor Lemonte nunca me mostrara. Agora, ao tomar a direção dos negócios, encontrei muitos pontos obscuros e todos conduziam ao mesmo lugar.

Segundo as declarações de Hale, a organização de Paxton pretendia tomar conta de toda a região, principalmente das terras onde se realizavam pesquisas petrolíferas, que converteriam o Arizona num estado muito rico.

— Mas Paxton - prosseguiu Hale - quis ir muito longe e seus negócios nem sempre eram conduzidos de modo lícito. Quando Lemont descobriu, tentou dissolver sua associação com Paxton. Mas o fazendeiro precisava do apoio de um homem de prestígio como o Senhor Lemont, pois empregara quase todo o seu dinheiro naquela empresa. Como Lemont se recusou a apoiar seus planos, decidiu continuar sozinho, matando-o e apropriando-se de títulos de propriedade, que o convertiam em dono absoluto de toda a organização.

Depois de revisar o processo de Morrison, o Juiz Harper abriu outro contra Paxton, que teve de responder por muitos outros crimes, além da morte do banqueiro Lemont.

Paxton foi executado ao amanhecer do terceiro dia após o julgamento, de acordo com os requisitos da lei.

\* \* \*

Alguns meses mais tarde, Bill e Virgínia saíram para um piquenique no campo. Bill ficara trabalhando no novo laboratório do Doutor Osborne a fim de acabar seus estudos - pois também fora um dia estudante de medicina, colega de Andrew - e ajudá-lo em suas investigações. Mas de vez em quando, tirava algumas horas de folga, dedicando-as por inteiro à sobrinha do médico.

Aquela tarde, ela lhe confessou:

— Pretendia voltar a Los Angeles, mas estou começando a gostar desta terra.

— Eu também - observou Bill, sorrindo.

Mais tarde, quando subiam à charrete para voltar, Bill disse:

— Pat Morrison e Mona Sheridan casaram-se e são muito felizes...

— Isso é muito natural. Eles se amavam. Estão felizes porque realizaram o seu sonho.

— Qual seria a sua resposta se eu a pedisse em...?

Virgínia não o deixou terminar. Lançou-se em seus braços e ofereceu-lhe os lábios. Embebidos no longo beijo, não perceberam a aproximação de uma carruagem que passou pela deles naquele momento. Nela ia o novo médico do povoado, o Doutor Andrew

Cummings. Este sorriu ao vê-los e murmurou:

— Desta vez parece que caçaram meu amigo Bill para sempre...

FIM